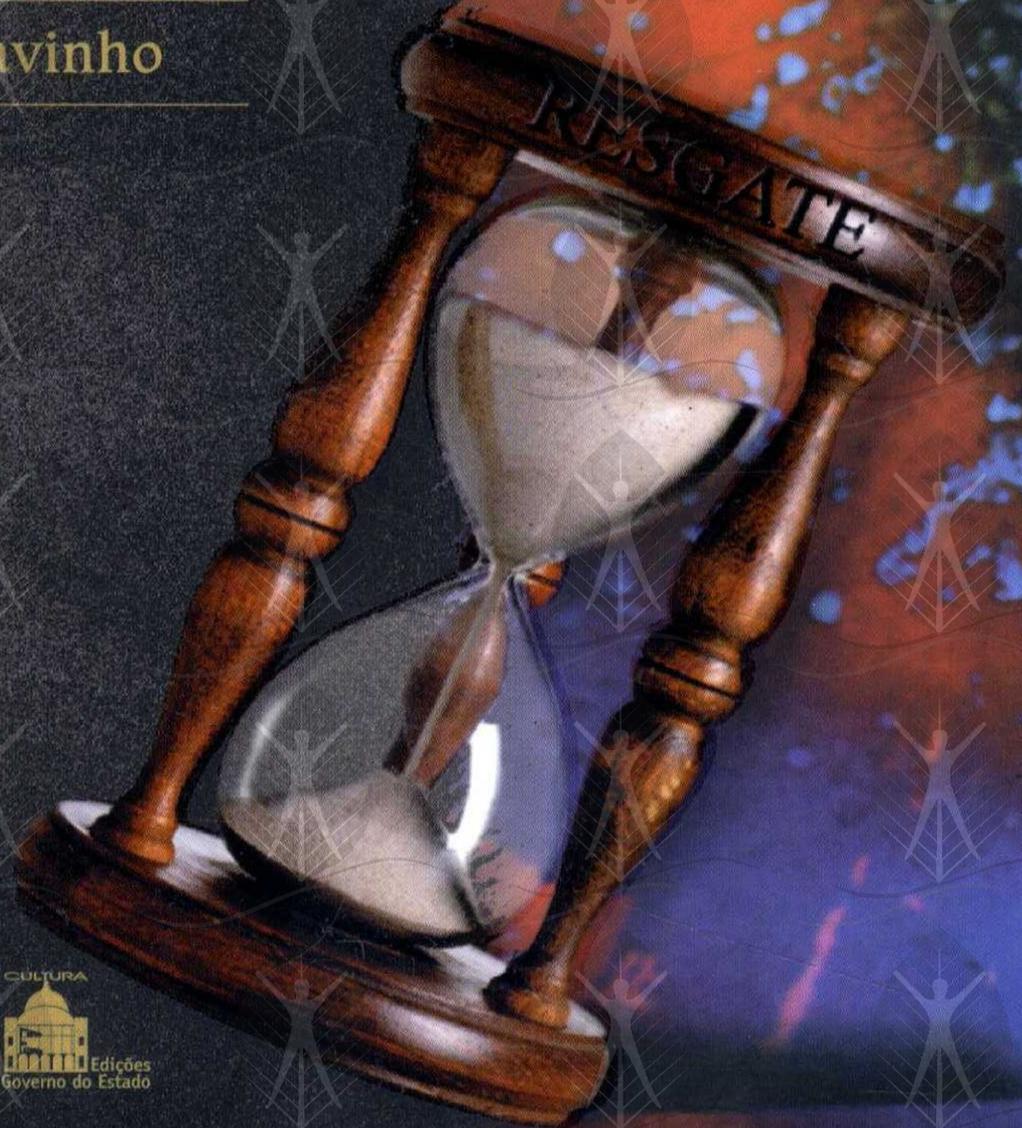


*Resgate* coleção  
*Resgate*

# Ânsias

Elias Gavinho



**Valer**  
EDITORA

CULTURA  
  
Edições  
Governo do Estado

Esta 2.<sup>a</sup> edição de *Ânsias*, de Elias Gavinho, apresenta ao público leitor a obra de um poeta que poderia figurar no panorama cultural surgido no início do século 20. Momento de grande efervescência cultural no Brasil, em que artistas e intelectuais experienciavam novas formas de expressão artística, tanto na linguagem quanto no aspecto formal da poesia. Apesar do Amazonas não possuir, nesse período, uma tradição literária perenizada, observa-se na poesia de Gavinho uma sintonia com essa tendência de utilização consciente das possibilidades da linguagem poética e necessidade de se buscar uma nova interpretação da subjetividade humana, com todas as "ânsias", ou seja, as apreensões que o ser humano carrega no seu íntimo diante de uma realidade sempre em transformação, *encantando-o ou oprimindo-o*.

As várias possibilidades de interpretação dessas ânsias são a essência da poesia de Elias Gavinho. Seus versos, ilustrativos dos sofrimentos humanos e da alma inquieta, confluem para sentimentos contraditórios, como o amor e a dor, e fazem ressurgir as lembranças da infância, dos sonhos. No poema "Alma inquieta", ele revela um desses estados de alma, transformando em rimas a saudade de sua impressão do mundo, perdida na infância:

*Ao recordar os tempos que lá vão  
Uma infinda saudade a alma me invade  
Belas fases de amor... a quem não há de  
Taciturno sentir tal palpitação?*

A beleza e a feiúra, escamoteadas no íntimo do ser humano, são reveladas, em alguns momentos, singelamente, em outros, através de uma linguagem embrutecida e hostil. Registrando a expressão da individualidade humana em diferentes estados de alma, alguns

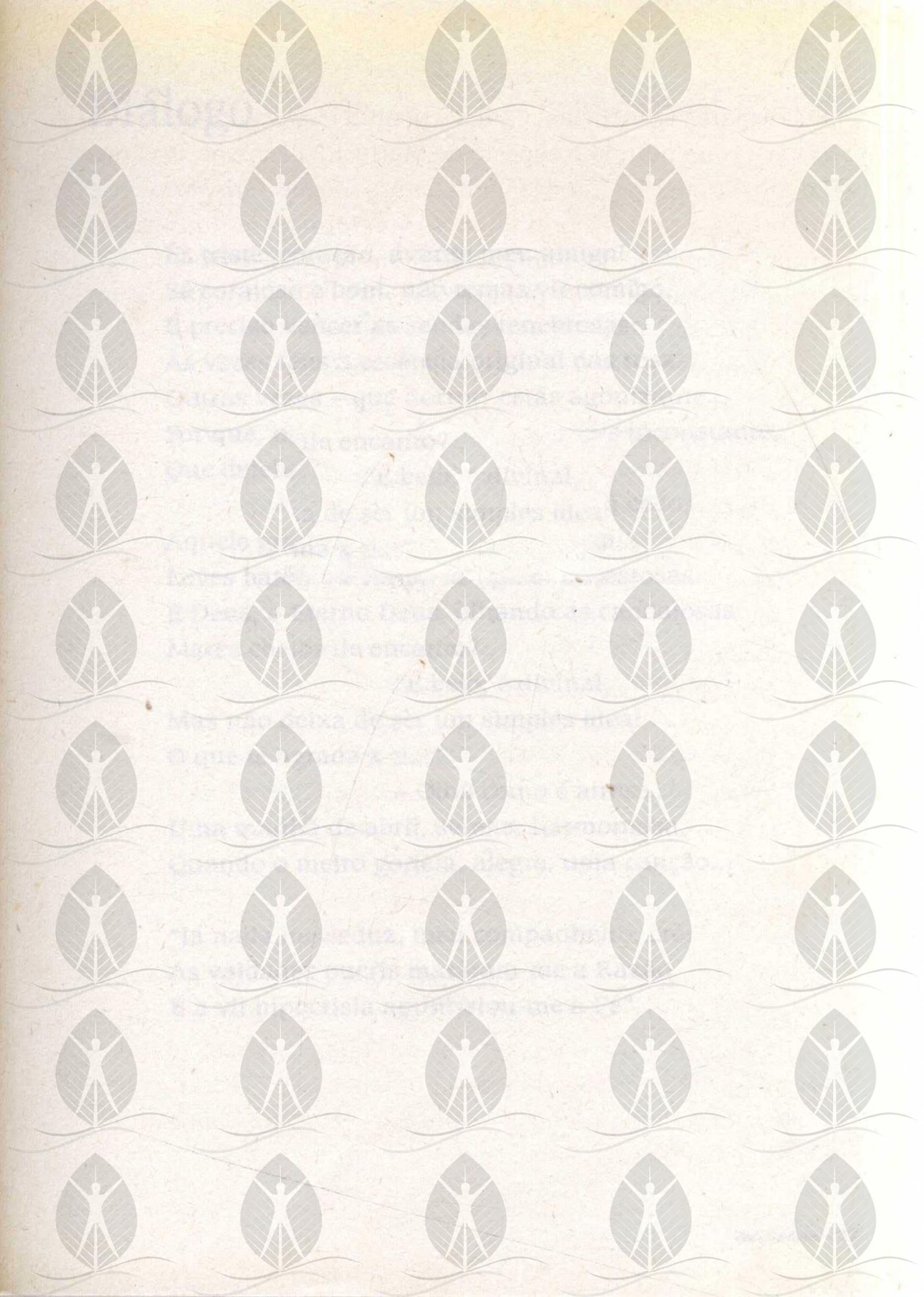
poemas enaltecem os mais belos sentimentos, como a esperança do poeta no amor, que engrandece a dignidade e a bondade do ser humano: *A fé e a crença em risos cristalinos / Inebriam de Amor e eterno gozo / Dois corações amantes e divinos*.

Por outro lado, deparamos, também, com a revelação de suas fragilidades, que o deixam dominar pela estupidez e arrogâncias do ambiente que o cerca. Em "Expição", esse quase se deixar ser derrotado pelas incessantes armadilhas da vida é diluído em versos melancólicos que mostram o homem vencido, humilhado pela sua impotência de se ver perdido em si mesmo, degradado nas suas convicções, nos seus sonhos:

*Num cárcere maldito, abandonado  
Aos espectros da noite, enegrecido,  
Vagueia e geme a alma de um bandido  
De um ser feito do Mal, no Mal gerado.*

*Ânsias* é um livro revelador. Publicado, em 1913, em meio a um contexto cultural refratário à sensibilidade e a grandeza humana, o poeta expõe sua alma fragmentada para um público que, talvez, ainda não estivesse preparado para compreender os significados de seus versos. Vendo-se num ambiente ainda indiferente à literatura, é o próprio Elias Gavinho quem decreta o destino de sua poesia, o de ultrapassar o tempo e seguir até encontrar um público mais receptivo, este, que quase noventa anos depois, recebe esta nova edição da obra: *Ao meio da jornada, já serena, / Reparei que minha alma se espelhava / Nos lírios divinos da vasta arena // Num abismo sumir-se desejava / Dissera-lhe a Querer: "Segue ainda mais".*

*Cynthia Teixeira*





Ânsias

Coleção Resgate II

Coordenação

Tenório Telles

SEBÃO DE MAMUÁS  
67465A

Livros raros e esgotados  
Compra e Venda

Rua Joaquim Sarmiento, 201 - Centro  
Fone: (92) 3082-7262 / 9621-9357

GOVERNO DO



AMAZONAS

Governador do Estado do Amazonas  
*Amazonino Armando Mendes*

Vice-Governador  
*Samuel Assayag Hanan*

 **AMAZONAS**  
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E TURISMO

Secretário de Estado da Cultura e Turismo  
*Robério dos Santos Pereira Braga*

Subsecretária  
*Vânia Maria Cyrino Barbosa*

Coordenador de Edições  
*Antônio Auzier Ramos*

Co-edição  
Governo do Estado  
Editora Valer

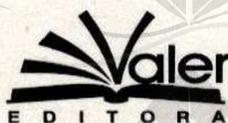
Elias Gavinho

# Ânsias

Estudo crítico  
Elson Farias

2.<sup>a</sup> edição revista

**GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA**  
**DEPARTAMENTO DE LITERATURA**  
**PROGRAMA MANIA DE LER**

**Valer**  
EDITORA

**CULTURA**  
Edições  
Governos do Estado

Copyright © Editora Valer, 2002

EDITOR

Isaac Maciel

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Tenório Telles

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

Marcicley Rego

(Capa – composição com detalhe da obra  
*Sem título*, de Anísio Mello)

DIAGRAMAÇÃO

Horacio Martins

Revisão

Alcides Werk

Cynthia Teixeira

Marcos Sena

Sergio Luiz Pereira

Pesquisa

Marita Monteiro

NORMALIZAÇÃO

Ycaro Verçosa

---

G283a Gavinho, Elias.

Ânsias. / Elias Gavinho. Organização Tenório Telles e estudo crítico por Elson Farias. 2.<sup>a</sup> ed. revista – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2002.

78p. (Série Coleção Resgate II, 9)

ISBN 85-7512-046-8

1. Literatura Amazonense – poesia. I. Título II. Série.

CDU 82-1(811.3)

---

2002

Editora Valer

Rua Ramos Ferreira, 1195

69010-120, Manaus-AM

Fone: (0xx92) 633-6565

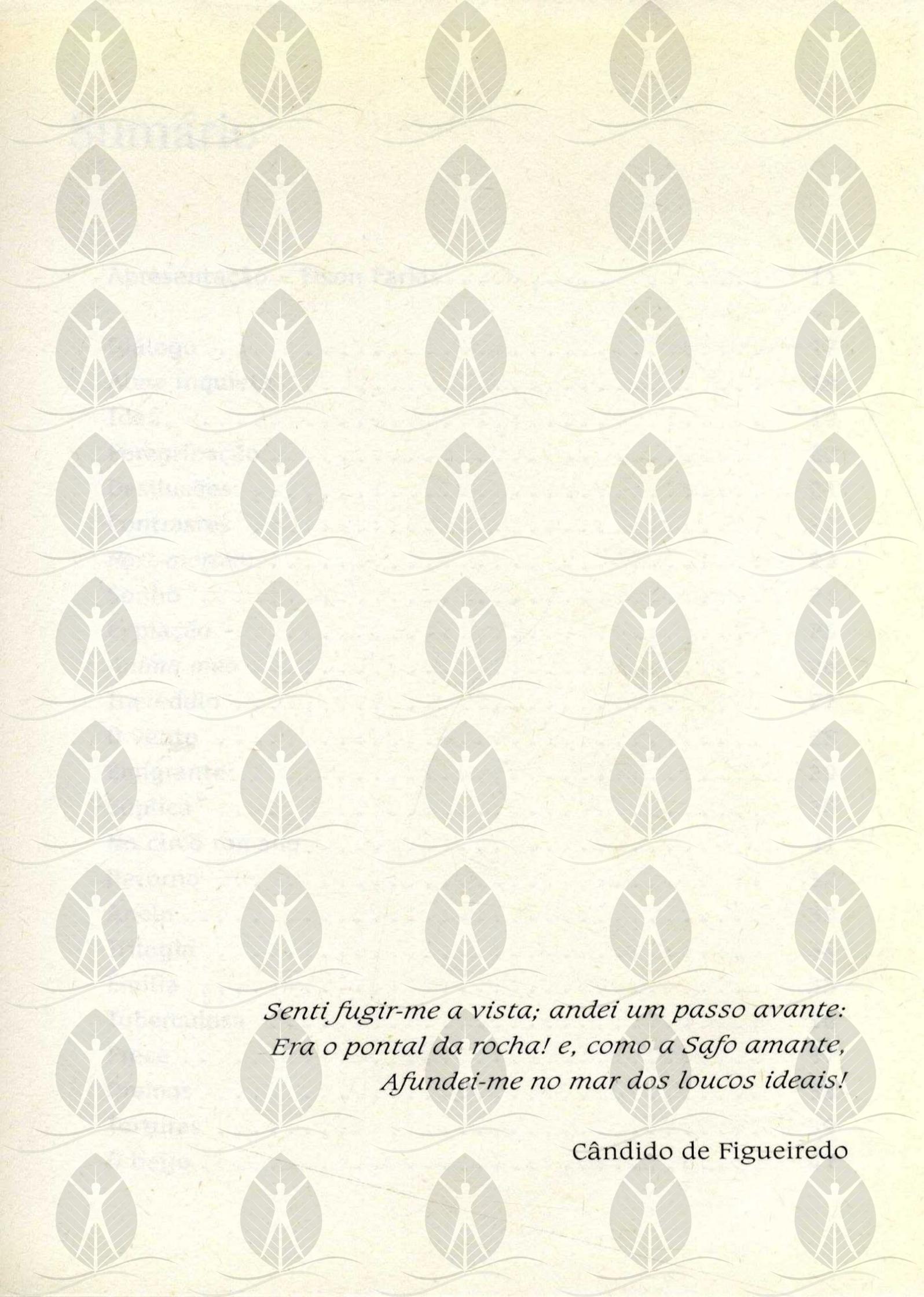
E-mail: [editora@valer.com.br](mailto:editora@valer.com.br)

[www.valer.com.br](http://www.valer.com.br)



*À minha Mãe  
Fonte dos meus estudos  
– Alma da minh'alma.*





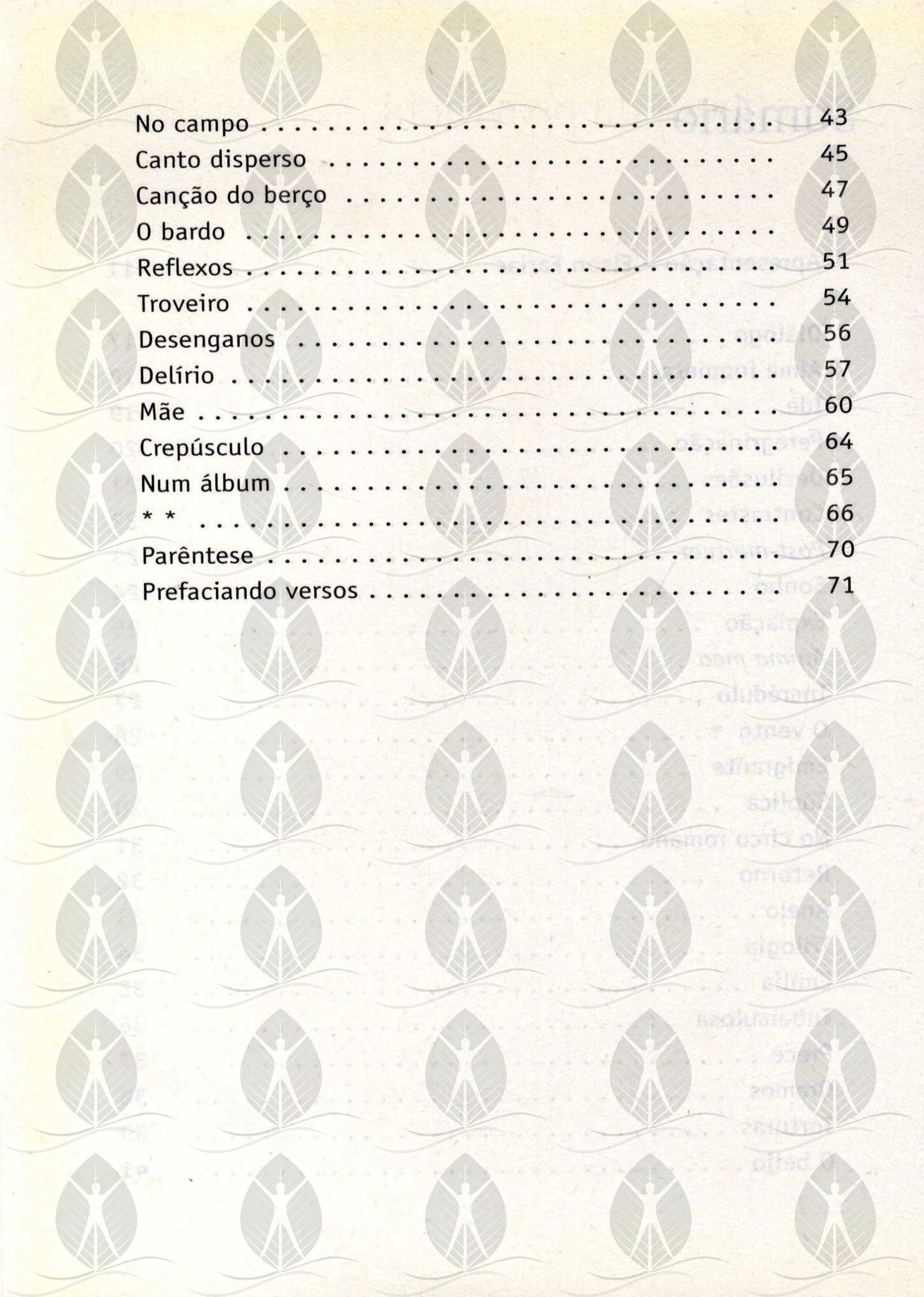
*Senti fugir-me a vista; andei um passo avante:  
Era o pontal da rocha! e, como a Safo amante,  
Afundei-me no mar dos loucos ideais!*

Cândido de Figueiredo



# Sumário

Apresentação – Elson Farias	11
Diálogo	17
Alma inquieta	18
Ide...	19
Peregrinação	20
Desilusões	21
Contrastes	22
<i>Post-mortem</i>	23
Sonho	24
Expição	25
<i>Anima mea</i>	26
Incrédulo	27
O vento	28
Emigrante	29
Súplica	30
No circo romano	31
Retorno	32
Anelo	33
Trilogia	34
Emília	35
Tuberculosa	36
Prece	37
Oremos	38
Torturas	39
O beijo	41



No campo . . . . .	43
Canto disperso . . . . .	45
Canção do berço . . . . .	47
O bardo . . . . .	49
Reflexos . . . . .	51
Troveiro . . . . .	54
Desenganos . . . . .	56
Delírio . . . . .	57
Mãe . . . . .	60
Crepúsculo . . . . .	64
Num álbum . . . . .	65
* * . . . . .	66
Parêntese . . . . .	70
Prefaciando versos . . . . .	71

# Um poeta da província

Elson Farias\*

Quando o livro de Elias Gavinho, *Ânsias*, foi editado, em 1913, a poesia brasileira já estava muito à frente. Vivia-se a confluência do Parnasianismo com o Simbolismo, consagradas as obras de Cruz e Sousa e de Olavo Bilac, mas, anunciando-se, nos horizontes das letras, as luzes do Modernismo que eclodiria em 1922. Era a figura de Manuel Bandeira que despontava com *A cinza das horas* (1917), livro onde ainda se observam tendências da estética simbolista, mas em que se revelam as virtudes estilísticas da nova poesia, o despojamento da linguagem, em benefício da fala comum, e a abordagem de temas do cotidiano.

Em termos formais, o coração de Elias Gavinho balançava entre o Parnasianismo e o Simbolismo, pois o seu livro está repleto de citações em epígrafes de Eugênio de Castro, Guerra Junqueiro e Antero de Quental, poetas portugueses representativos dessas duas escolas, decidindo-se, no entanto, pelo Parnasianismo de Olavo Bilac, no poema “Parêntese”, lançado no final da coletânea, em que se encontram os seguintes versos:

*Como Bilac, o príncipe do Sonho,  
Que leio e que cultuo, (...)*

Ao ler Elias Gavinho, para que o perceba em sua plenitude, é imprescindível que o leitor se transporte ao tempo ambiental do poeta, sem dúvida regido pelo formalismo geral

\* Elson Farias é poeta e romancista, autor de *Barro verde*, *Ciclo das águas* e *Romanceiro*.

do vestir-se, do se comportar em sociedade, do se expressar em linguagem debruado com termos nem sempre condizentes com a realidade humana, porque estereotipada e, por isso, alheia aos compromissos com a vida. Esse, aliás, era um dos males do ser parnasiano, vez por outra despertado pelos impulsos dos instintos mais fortes, como quando Bilac abandona a postura do verso lapidar e explode nas apóstrofes do “Beijo eterno” e da “Alvorada do amor”.

Assim acontece com Elias Gavinho. Ele vem de “Sonho”, quando canta:

*Transpus num sonho alado o luminoso  
E alcatifado mundo da Ilusão,  
Onde habita a quimera e uma canção  
É um hino divinal de etéreo gozo.*

Segue sonhando o sonho não permitido ao sono dos mortais em “Anima mea”:

*Num leito azul de arminho sublimado,  
Feito de sonhos, leve, pequenino,  
Dorme minh'alma o sono cristalino  
Que entre os mortais lhe foi dormir velado.*

E confessa, em “Anelo”:

*Tenho sofrido tanto... Ah! quanto anseio,  
Quanta dor, quanta mágoa sufocada,  
Este meu peito, de pesares cheio,  
Pôde conter sem nunca dizer nada...*

Em “Canto disperso”, o poeta vai revelando cada vez mais os seus sentimentos, ainda que em versos adocicados como os seguintes:

*Agrada-te, bem sei. A tua cor formosa,  
De um leve rosicler, igual a dum noivado,  
Tem da graça do cisne o encanto aureolado  
E o rútilo color da linda mariposa...*

Caminhando pelas páginas deste livro, o leitor poderá encontrar os versos de “Delírio”, onde o poeta apresenta o mais despojado poema e, também, os mais quentes dos seus versos, como o fez Bilac nos dois poemas citados linhas acima:

*Inda me lembro bem:  
A merencória lua, pelo Espaço,  
Marmorizando a Terra  
Serena e adormecida,  
No palor ideal do sonho que ela encerra  
Chamava-nos à vida,  
Ao prazer, à loucura, ao mais feliz dos sonhos,  
Enquanto os lábios seus, róseos, risonhos,  
Febris e alucinados  
Sugavam, gota a gota, orvalhos cristalinos  
Dos meus que apavorados  
Giravam na mornez dos seus beijos divinos.*

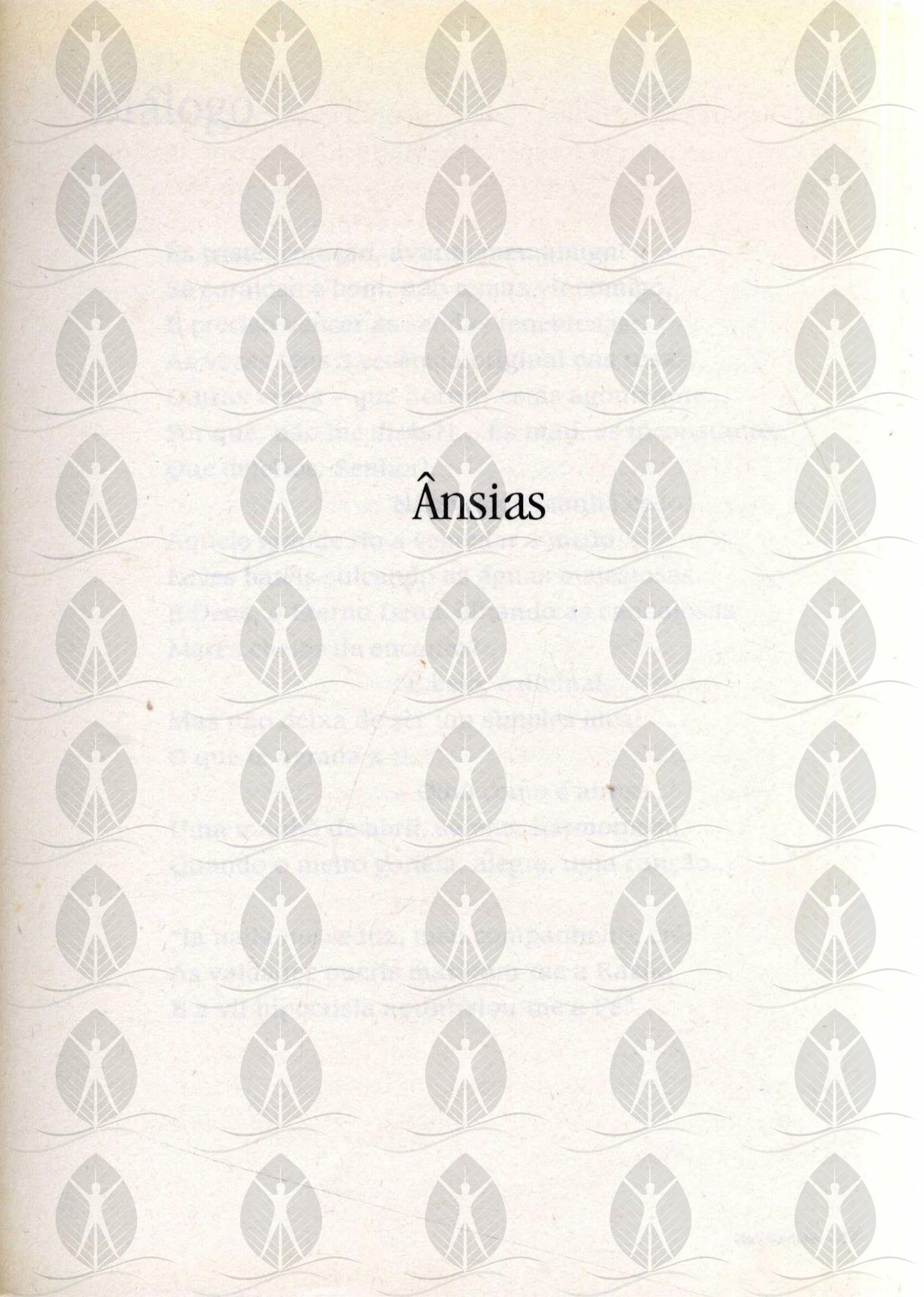
Nestes versos, ouve-se, verdadeiramente, outra música. Entre uma e outra, a gente tropeça em *merencória*, sinônimo de melancólica, palavra usada por poetas de vária idade e das

mais díspares tendências. Camões usou-a (*Merencório no gesto parecia*), comentando o aspecto de Marte ao discursar no “Concílio dos Deuses”, no primeiro canto de *Os Lusíadas*. Os românticos a usaram tanto que a transformaram num lugar-comum, expressão de mau gosto, até implantar-se no vocabulário do cancionero popular brasileiro, mais freqüente no idioma dos chorões.

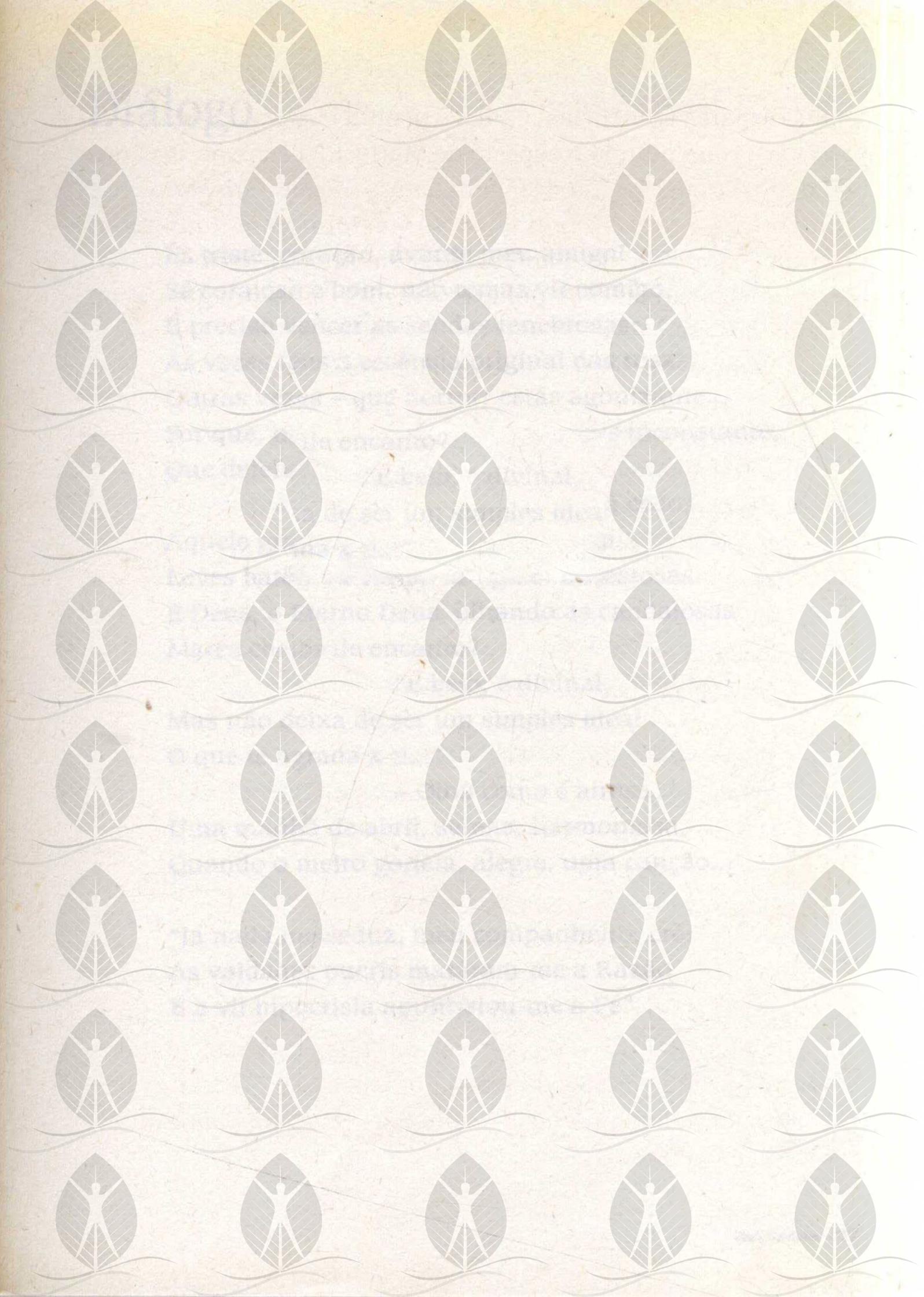
Vamos a mais uma estrofe deste delírio:

*Noite de sonho! Noite enluarada!...  
Noite em que ela pedia,  
Ébria de gozo e ébria de desejos  
Entre o calor em que estuante ardia,  
Milhões de beijos  
Cantantes,  
Delirantes,  
Na sua face fresca e aveludada  
De onde uns olhos brilhantes,  
Em ritmos divinos  
Arremessavam  
E incendiavam  
Os mais distantes  
Acordes tristes de amorosos hinos...*

O poema está a partir da página 57 e, se de todo não tiver entusiasmo o leitor para fruir o livro todo, bastará entrar no clima do “Delírio” e reconhecer, em Elias Gavinho, um dos mais destacados nomes da poesia brasileira, entre tantos dos que se exilaram na província – aqui fizeram a sua vida e publicaram seus versos.



Ânsias



# Diálogo

És triste, coração, avante meu amigo!  
Sê corajoso e bom, não temas vir comigo,  
É preciso vencer as sendas tenebrosas:  
Às vezes tens a essência original das rosas,  
Outras vezes – que horror! estás agonizante...  
Por que, não me dirás?!... És mau, és inconstante,  
Que defeitos, Senhor!...

Não vês de manhã cedo  
Aquele grande rio a segredar a medo...  
Leves batéis sulcando as águas majestosas  
E Deus, o Eterno Deus, olhando as caudalosas  
Marés cheias de encanto?...

“É belo, é divinal,  
Mas não deixa de ser um simples ideal  
O que te agrada a ti...”

– Olha como é airosa  
Uma manhã de abril, serena, harmoniosa,  
Quando o melro gorjeia, alegre, uma canção...

“Já nada me seduz, meu companheiro, crê:  
As vaidades pueris mataram-me a Razão  
E a vil hipocrisia apunhalou-me a Fé”.

# Alma inquieta

Ao recordar os tempos que lá vão  
Uma infinda saudade a alma me invade...  
Belas fases de amor... e quem não há de  
Taciturno sentir tal pulsação?!

“Fantasias pueris” – logo dirão  
Os que como eu não sonham nesta idade;  
Mas não – por Deus! não digam ser vaidade  
O triste palpitar de um coração...

A dedilhar a lira, impaciente,  
Versos pobres de luz, eu, grande crente,  
De flores um altar farei à Vênus...

E pelo doce azul, espaço em fora,  
Vendo surgir radiante a meiga aurora  
Julgarei ir sonhando novos trenos...

Ide...

Voai sonhos azuis de fantasias  
Álacres, juvenis, deixai-me o peito;  
Voai, correi, marchai do frio leito  
Onde se albergam tristes invernias.

Se sonhando julguei ver pedrarias  
Faustosas, onde tudo era perfeito,  
Noto agora, meu Deus, mais que desfeito  
Um castelo de encontro às penedias...

Minh'alma já não fala, não murmura,  
E se contemplo à noite o espaço infindo,  
Sinto a ilusão tornar-se em noite escura...

Versos! ide, correi, galgai além!  
Não há dificuldades na Natura...  
Depressa! ide oscular a minha Mãe...

# Peregrinação

Qual Diógenes em busca do Ideal,  
Eu a luz procurava neste mundo;  
Muitas vezes – confesso – hórrido mal  
À pátria apeteci, longo e profundo.

O Livro era o meu guia: O sideral  
Espaço me indicava que fecundo  
Tudo era para mim, desde o rosal  
Às tremendas paixões que não difundo.

Ao meio da jornada, já serena,  
Reparei que minh'alma se espelhava  
Nos lírios divinais da vasta arena...

E quando, aborrecida, em fulvos ais  
Num abismo sumir-se desejava  
Dissera-lhe o Querer: "Segue ainda mais".

# Desilusões

Lutar, sofrer, morrer! – Não há, por certo, quem  
Atrocidades sofra assim cruéis na vida:  
O coração vagando à mercê, sem guarida,  
Pelo azulado espaço ao encontro do Além.

Julguei-me tão feliz!... Persuadi-me também  
Que a vida era uma flor olímpica, querida,  
Quando desabrochava à luz incandescida  
Das loucas ilusões – quem é que não as tem?!...

À noite, a meditar na causa dos abrolhos  
Deste sofrer sem-fim, a luz incompreendida  
Parece iluminar as trevas dos meus olhos;

Mas a crença jaz morta; e assim, sempre oprimida,  
Sentindo acerba dor, entre ferais escolhos  
Adeja tristemente a fé amortecida.

# Contrastes

Tristes crianças – sempre abandonadas  
Vagueiam pobremente pelas ruas:

Uns trapos encobrindo as pernas nuas,  
Ao vento e ao frio quedam regeladas.

Quando a fome trazer já definhadas  
Em vingança cruel as fronteiras suas,  
Quando não virem mais a luz das luas  
E o róseo despontar das alvoradas,

Dirá a *humanidade*: – “triste sorte,  
Vaguear no mundo, errantes, sem um Norte  
Sob as mil desventuras da matéria!”...

Ó Deus, vem ver quão triste é a térrea vida:  
Se uns vivem na opulência enternecida  
Outros desaparecem na miséria!...

# *Post-mortem*

Quando da morte os gélidos tormentos  
A pouco e pouco o corpo me invadirem  
Rasguem-me o coração, abram-no, tirem  
Dele o pesar dos últimos momentos.

Quem ao morrer anímicos lamentos  
Recorda e sente alígeros fugirem,  
Quem viu o Bem e a Fé se prostituírem  
Deve esquecer da vida os sofrimentos...

Não me infunde terror o Ignorado,  
Porque se sou na Terra um revoltado,  
Um louco, um sonhador, mis'ro plebeu,

Sob a égide de Deus, sob o seu manto  
Minh'alma calará o nímio pranto  
E as dores e as misérias que sofreu.

# Sonho

Transpus num sonho alado o luminoso  
E alcatifado mundo da Ilusão,  
Onde habita a quimera e uma canção  
É um hino divinal de etéreo gozo.

Qual ente que se ufana, venturoso  
De penetrar na olímpica mansão,  
Vaguei, corri, sonhei e a corrupção  
Olvidei deste mundo doloroso...

Trenos de amor, idílios, quem, ao vê-los  
Róseos florir numa alma amortecida  
Pode sem dor, depois, vir a esquecê-los!...

Morfeu maldito, pária sem guarida,  
Pra que me acordas, por que me não deixas  
Viver sonhando toda a minha vida?!...

# Expição

*Luz, mais Luz!*

Goethe

Num cárcere maldito, abandonado  
Aos espectros da noite, enegrecido,  
Vagueia e geme a alma de um bandido  
De um ser feito do Mal, no Mal gerado.

Se algumas vezes recordar-lhe é dado  
Do Crime a horrenda fúria em que há vivido,  
Ah! quão melhor lhe fora ter fugido  
A dar vida e calor a um desgraçado...

Ser e não-ser... nevoeiro escuro e denso...  
Se em cada coisa existe um Deus imenso,  
Desde a Ignorância à límpida Verdade,

Ó Deus, ó Astro, ó Chama do Infinito,  
Tu que és a flor, o éter, o granito,  
Ilumina de Amor a humanidade!...

# Anima mea

Num leito azul de arminho sublimado,  
Feito de sonhos, leve, pequenino,  
Dorme minh'alma o sono cristalino  
Que entre os mortais lhe foi dormir vedado.

Sob a fragrância de um feliz noivado,  
Como em visita a um louco peregrino,  
Astros do espaço ao som dum alegre hino  
Vão embalar-lhe o berço perfumado...

No candelabro imenso que alumia  
O orbe, não há argos de harmonia  
Nem uma estrela só fulge na Altura.

Foram em bandos, rútilas, ligeiras  
Apresentar às demais companheiras  
Minh'alma, a louca, a estrela triste e pura...

# Incrédulo

Ó mísero descrente, a tua mágoa intensa  
Que não vê do Ideal a luz celeste e pura,  
Quando se expandirá em risos de ternura  
Pelo vasto fulgor da candidez imensa?

Se sentes o rumor da pálida descrença  
Anuviar-te o olhar, na vida tão descuro,  
Por que tens tanto horror à fria sepultura,  
Por que vives sem Deus, por que vives sem crença?

Já viste, por acaso, a límpida alvorada  
Florir a via láctea ao som de mil harpejos,  
Como quem vai dar alma a uma abandonada?

E um pôr-de-sol, já viste? – Aos rútilos lampejos  
Da aurora que desponta alegre e perfumada,  
Dirás: – a vida é um sonho... é um palpitar de beijos.

# O vento

No grande espaço as dores tormentosas  
Ei-lo espalhando em lírica sonata,  
Enquanto à láctea via, em serenata,  
Perfumes sobem de vergéis de rosas.

Geme, sibila, e as loucas mariposas  
Entre o queixume dessa dor ingrata,  
Multicolores giram em volata,  
Voejando em torno, flébeis, vaporosas...

Chora! e o seu soluçar triste, dolente,  
Fendendo o espaço em quérula destreza,  
Lembra da vida humana a dor plangente;

A dor feita de anímicas torturas,  
Mas sem que tenha, após longa tristeza,  
A alegria do errante das alturas...

# Emigrante

Ao José Crispim d'Oliveira

Docemente embalado pela brisa,  
Largas velas ao vento, triunfante,  
Firme e destro navio no mar desliza  
Levando a um novo mundo um novo errante.

Dum sonho a esperança vã não rivaliza  
Co'as agruras ferais... pobre viajante!  
Nas plagas da utopia a algoz divisa  
Talvez lhe cinja a fronte altissonante...

Lá vai: lívido, calmo, ouvindo o bando  
Das níveas gaivotinhas que passando  
Lhe dizem com meiguice um terno adeus...

Não medita, sequer, na sorte ignara,  
Nem pensa nos momentos que passara  
Feliz, entre a família, orando a Deus...

# Súplica

Ó ternas ilusões da minha mocidade,  
Suaves como a luz, heróicas, graciosas  
Voltai a mim, voltai, brancas e luminosas  
Espargindo alegria a esta mútua saudade.

Vós sois da vida o deus, vós sois a hilaridade  
De quimeras sem fim: imáculas, airosas,  
Sois pérolas d'orvalho em tranças majestosas  
Onde pompeia a luz de feérica verdade.

Se de ilusões outrora, alegre, satisfeito,  
Almejava um só fim, risonho e não funéreo,  
Por que deixais agora arder-me em febre o peito?!...

Ó minhas ilusões, ó meu viver aéreo,  
Não mais me abandoneis: volvei-me o casto efeito  
Desse viver feliz, num louco refrigério.

# No circo romano

A luta era medonha: o sangue pela arena  
Jorrava aos borbotões, infame, tenebroso:  
O gladiador perdia o seu garbo pomposo  
Que Roma tanto amava, estúpida, serena.

O gládio se quebrara. O vil rancor da hiena  
Feria ao combatente o peito corajoso:  
De César o furor ignóbil, monstruoso,  
Ao impávido herói no Circo a morte ordena...

Se da turba saísse o altivo grito ardente  
De Sêneca, o imortal, em prol do desgraçado,  
A hecatombe tombava aos olhos dessa gente...

Baixara o povo, em peso, o dedo polegar...  
Farnésio, a seu irmão vencido, alucinado  
Sestro punhal vibrando o foi assassinar...

# Retorno

Alice, eis-me a teus pés. Vaguei como quem vaga  
Entre o ser e o não-ser pela estrada da vida;  
E se vês que é sincera a contrição, querida,  
A palavra “cruel” do nosso afeto apaga.

Qual Golias gigante, em ufanosa lida  
Julguei vencer do Amor a inexpugnável plaga...  
Inútil foi o esforço... Ó querubim, afaga  
Co'a luz do teu olhar minh'alma arrependida.

Resvalei da virtude a um pélago profundo:  
Fui cego e fui herói... Descrente, pelo mundo,  
Senti por sobre mim do Mal a garra adunca...

Desgraçado que fui entre as flores profanas!  
Mas se o corpo manchei, em lutas mais que insanas,  
Trago-te o coração mais puro do que nunca.

# Anelo

Deixa-me repousar nesse teu seio  
A fronte de martírios coroada;  
E ao seu arfar constante, em vago enleio  
De sonhos a alma eu sinta inebriada.

Tenho sofrido tanto... Ah! quanto anseio,  
Quanta dor, quanta mágoa sufocada,  
Este meu peito, de pesares cheio,  
Pôde conter sem nunca dizer nada...

Volve-me o fogo ardente de teus olhos:  
Sonhemos!... Pois que importa os mil abrolhos  
E as dores que lá vão, de tal tormento?!

Esquece do passado os vis pesares...  
Há mais vida num só dos teus olhares  
Do que em todo esplendor do firmamento.

# Trilogia

Ao Franco de Sá

Estrela viva a palpitar, dormente,  
No vácuo imenso da alma abandonada,  
A Dor é como a luz triste e sagrada  
– É o fogo-fátuo a angelizar o Crente.

Ah! quantas vezes, pálido e demente,  
Trilho com ela o leito desta estrada,  
Cantando a noite morna e enluarada,  
Cantando a vida num gemer dolente!...

Cantar! Verbo sublime, heróico e brando!  
Dentre este burgo ignaro e miserando  
Poucos, sentindo, o sabem conjugar;

Porque pra se poder bem defini-lo  
É preciso sofrer, chorar, ouvi-lo  
Trinar entre outro verbo – o verbo Amar...

# Emília

Ao Manoel Victorino Soares

*Acorda cedo como os passarinhos*

*E vem logo direita à minha cama.*

Eugênio de Castro

Constelações de fúlgidas venturas,  
Sonhos, visões, desejos que hei nutrido,  
Iluminai o ente estremecido  
E angelizai-lhe a vida, entre as mais puras!

De um Pai amante as dores e as torturas  
Afastai sempre... é sempre dolorido  
O duro golpe de se ver fugido  
Um filho ou filha em busca das alturas...

Cândida idade – um ano! Que harmonia!...  
Parece a luz de um astro luminoso  
A encher de paz um lar onde a alegria,

A fé e a crença em risos cristalinos  
Inebriam de Amor e eterno gozo  
Dois corações amantes e divinos.

# Tuberculosa

Ao J. M. Jorge de Castro

Céu estrelado. Noite de poesia.  
Alegre, ao piano, a uma ária dá começo;  
Súbito, pára: – quase que enlouqueço  
Ao vê-la assim marmoreamente fria.

Que tens – pergunto – que fugaz, sombria  
Idéia à mente te acudiu, que espesso  
Véu de tristeza é esse, dize, peço  
Que não mo ocultes, minha Idolatria!

“Tolices... nada... este louco presságio:  
Esta doença, a Morte... o meu contágio...  
Sinto-me mal com tal pressentimento...”

Tola, não penses. Amo-te e isto basta!  
Quero-te assim franzina, etérea, casta,  
*Meu amor, meu consolo e meu tormento.*

# Prece

Auriluzente estrela que me guias  
Os passos nesta vida, descuidado,  
E que trazes teu seio recamado  
De faustosas, eternas alegrias...

Ó astro cintilante que extasias  
De Fé meu peito já gasto, alquebrado,  
Onde as terríveis lutas do passado  
Se extinguiram, cansadas das orgias...

Volve a mim teu olhar, olhar de amante  
Donde irradia a luz serena e pura  
Que ilumina os abismos num instante...

Dá-me um sorriso cheio de ternura,  
Angélico, divino, palpitante  
E leva-me com ele à sepultura.

# Oremos

Irrompe com fulgor a límpida alvorada:  
Vamos levar a Deus, nesta hora abençoada,  
Em cânticos de fé, as nossas orações:  
Tornar suave o dia...

Os torpes histriões,  
Profanadores vis da cândida virtude,  
De tudo que é gentil, da graça e da saúde,  
Não sonham como nós...

Já vem surgindo a aurora,  
Entoa a cotovia, ao longe, a voz sonora,  
Cantando alegremente um doce madrigal...  
Levemos ao Infinito a prece matinal  
Tal qual nos ensinou a nossa santa Mãe...  
Oremos com fervor...

O sol fecunda a terra,  
Dá luz a todo o Ser, ardendo muito além...

.....  
Esplêndido ideal a Natureza encerra!...

# Torturas

Astro que és o meu guia, o meu Norte, não queiras  
Ver morrer lentamente o sonho dum asceta:  
Deixa-me cantar, deixa, o riso das ceifeiras,  
A tristeza que adoro e o luar que nas eiras  
Se espraia, iluminando est'alma de poeta.

O Ideal que abracei é grande, é majestoso  
Como a amplidão sem-fim do céu que a terra encobre;  
Não tem, como o dos vis, a pretensão e o gozo  
De transformar em lama o ocaso luminoso  
Que engrinalda de paz o Lar de todo o pobre...

Caminho como um louco. A ânsia cristalina  
De ver vestido o nu, a minha mente acesa  
Invade, transformando-a, à hora matutina,  
Para as auras do prado onde cresce a bonina  
E para o triste Lar da cândida pobreza.

Deixa-me pois correr, deixa-me assim vagar  
Febril, na vastidão dos meus diletos sonhos,  
Porque ressurge em mim, alegre, a palpitar  
Uma aurora feliz, dum modo singular  
Pulsando como outrora, em tempos mais risonhos...

Tateio?... nem eu sei... Os espinhos da estrada  
Na humilde trajetória a cada passo trilho...  
Se às vezes da miséria entoa, descarnada,  
Uma voz que se perde entre a luz da alvorada,  
Aproximo-me dela e julgo-me seu filho.

Adoro-te, pobreza! ai, como, entristecido  
Te vejo progredir na vasta imensidade!  
E não há para ti um olhar comovido  
Quando vais implorar, num lânguido gemido,  
Uma esmola somente à vã humanidade...

Filantropia, o que és? – Vaidade, vitupério  
Que mancha e carboniza e depois bate as asas...  
Ah! como sei que é bom o revolto critério  
Que nutro, em ver dos maus o acinte deletério  
E toda a podridão entre candentes brasas...

Que importa ouvir da fome o doloroso grito,  
A quem nasceu feliz, entre arminho e brocados?!...  
Quisera eu ter, meu Deus, a alma de granito  
Pra nunca mais sentir, da Terra ao Infinito,  
As súplicas que vão dos tristes desgraçados...

# O beijo

“Meu Deus, que disparate! Enlouqueceu talvez...  
Então *fala* comigo há pouco mais de um mês

E já me pede um beijo?!...

Os homens são assim... Que excêntrico pedido...

Talvez lhe despertasse este jardim florido,

O singular desejo...”

– Escuta, Esther: não vês a branca mariposa  
Amar apaixonada aquela altiva rosa,

Beijando-a loucamente?

Serena como a luz, não há um só instante

Que deixe de atender às súplicas do amante,

Harmoniosamente...

“Peça-me tudo, tudo... Os beijos são pecados...”

– Que devem contrair todos os namorados,

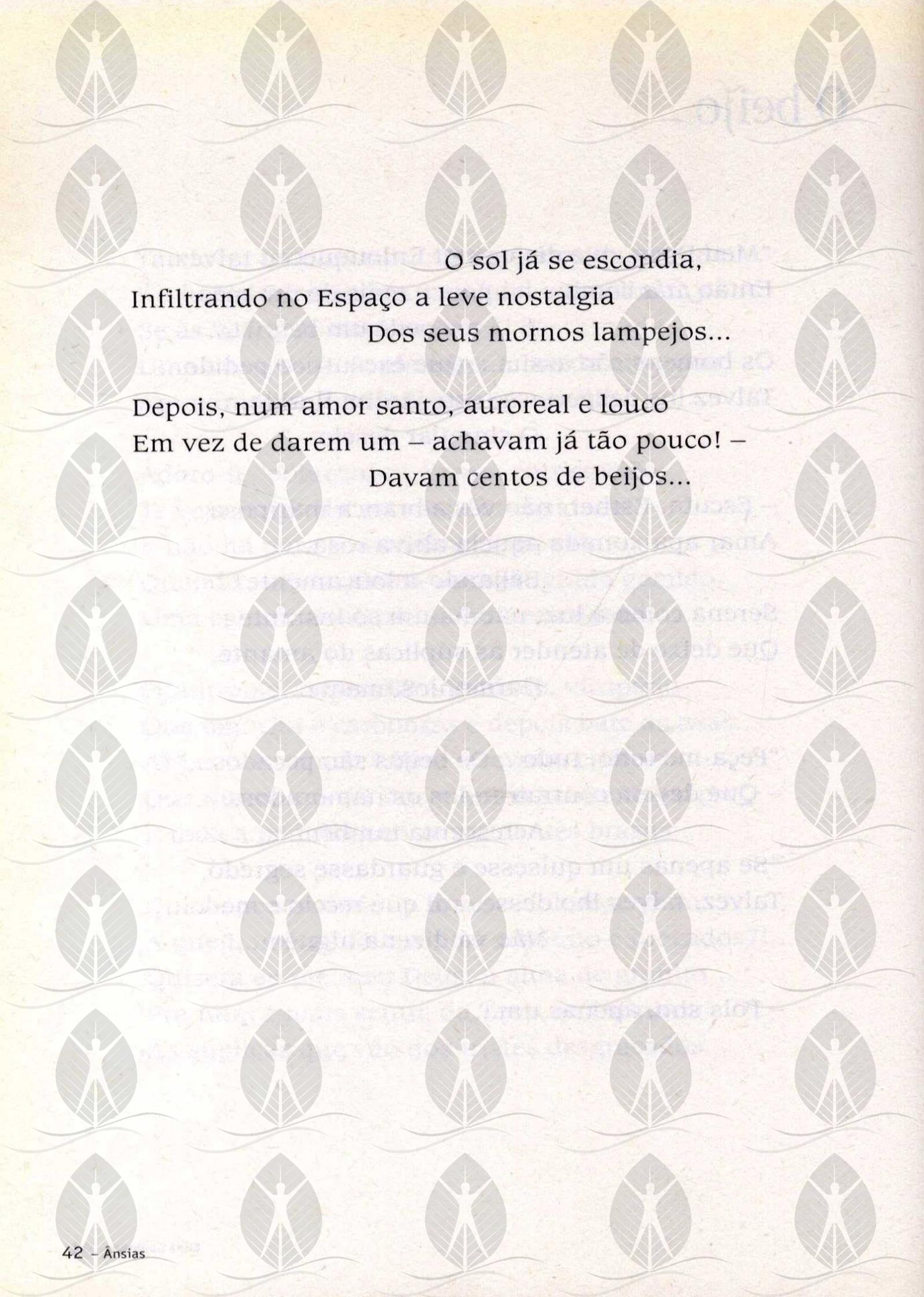
Acrescenta também...

“Se apenas um quisesse e guardasse segredo,

Talvez, talvez lho desse... ai que receio e medo...

Não vá dizer a alguém...”

– Pois sim, apenas um...



O sol já se escondia,  
Infiltrando no Espaço a leve nostalgia  
Dos seus mornos lampejos...

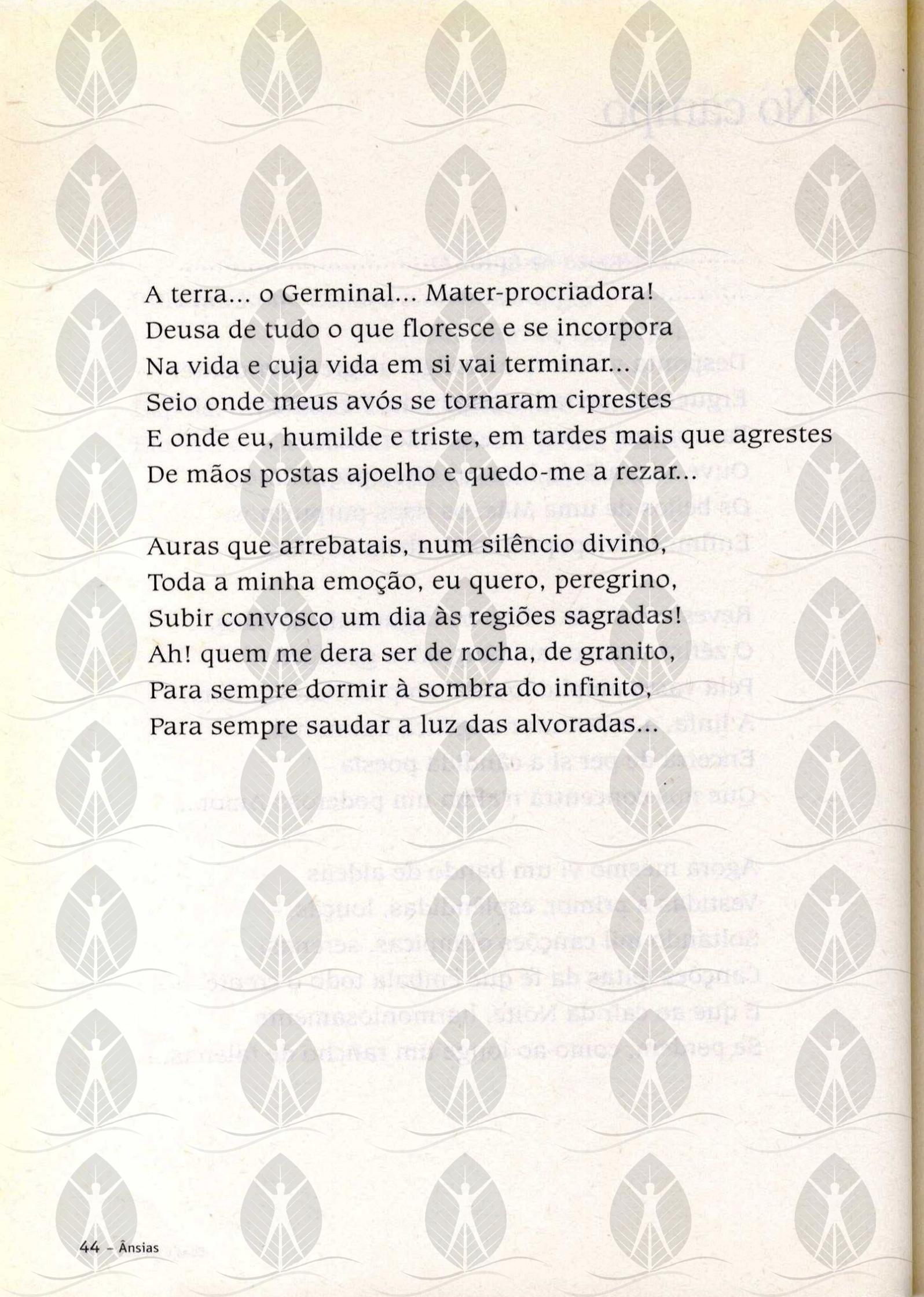
Depois, num amor santo, auroreal e louco  
Em vez de darem um – achavam já tão pouco! –  
Davam centos de beijos...

# No campo

.....  
.....  
Desponta a aurora ao longe, alegre, sorridente:  
Ergue-se o lavrador impávido, fremente,  
Para rasgar o seio à terra adormecida;  
Ouve-se o afã da luta, os ditos pequeninos,  
Os beijos de uma Mãe, os risos purpurinos:  
Enfim: uma epopéia azul, cheia de vida.

Revestem-se de brilho os trigueirais floridos,  
O zéfiro aparece em lânguidos gemidos  
Pela vasta amplidão dos campos inda em flor...  
A linfa, a murmurar angélica harmonia,  
Encerra de per si a cândida poesia  
Que nos concentra n'alma um poderoso Amor...

Agora mesmo vi um bando de aldeãs  
Vestidas a primor, esplêndidas, louçãs,  
Soltando mil canções olímpicas, serenas;  
Canções feitas da fé que embala todo o crente  
E que ao cair da Noite, harmoniosamente  
Se perdem, como ao longe um rancho de falenas...



A terra... o Germinal... Mater-procriadora!  
Deusa de tudo o que floresce e se incorpora  
Na vida e cuja vida em si vai terminar...  
Seio onde meus avós se tornaram ciprestes  
E onde eu, humilde e triste, em tardes mais que agrestes  
De mãos postas ajoelho e quedo-me a rezar...

Auras que arrebatáis, num silêncio divino,  
Toda a minha emoção, eu quero, peregrino,  
Subir convosco um dia às regiões sagradas!  
Ah! quem me dera ser de rocha, de granito,  
Para sempre dormir à sombra do infinito,  
Para sempre saudar a luz das alvoradas...

# Canto disperso

*Porque um amor candente é uma hóstia d'aurora  
E o peito que o encerra é um sacrário sagrado!*

Guerra Junqueiro

Queres que cante o Amor, arcanjo imaculado,  
O divinal amor das puras Beatrizes,  
Cercado de esplendor, de fúlgidos matizes,  
Pelo qual já passei o mais terrível fado?

Agrada-te, bem sei. A tua cor formosa,  
De um leve rosicler, igual a dum noivado,  
Tem da graça do cisne o encanto aureolado  
E o rútilo color da linda mariposa...

O Amor grande e sublime, o cândido poema  
Que prende, que fascina em rajadas clementes,  
É sempre o dormir de indômitas correntes,  
É do mitologista eternamente o tema.

Ele perdurará no peito dos heróis,  
Nos seios maternos, nas nossas desventuras,  
Fazendo resvalar ao campo das torturas  
Os grandes corações à luz dos arrebóis.

Palpita em todo o ser e toda a Terra abrange  
Numa auréola de luz interminável, pura;  
Excita o gênio à Arte e, na grande estrutura,  
Do artista ao ignorante o sentimento tange.

Áureas odes formula: a Natureza tem  
Sublimadas canções de maternais harpejos,  
Quer se ouça da floresta os matinais desejos  
Quer de um filho o oscular os lábios a uma Mãe.

Antítese viril da pútrida ignomínia,  
Vasto como o infinito, alegre, transcendente  
Transforma e purifica uma alma de repente  
No imáculo crisol donde saiu Virgínia...

O que faz soluçar o zéfiro nas praias  
E o trovador viver nas calmas solidões?...  
As estrelas no espaço, em vívidos clarões,  
Não te parecem ser da Lua as fiéis aias?!

Da mudez do sepulcro aos páramos celestes  
Há líras a entoar o seu mago fulgor:  
Nasceu na penedia enorme do Tabor  
Para jamais dormir à sombra dos ciprestes.

Invisível na forma, existe em todo o lar...  
Cristaliza a virtude acrisolando o Mal:  
E só o Poeta o canta, imenso, angelical  
Em odes divinais... que inda não sei cantar.

# Canção do berço

À minha irmã

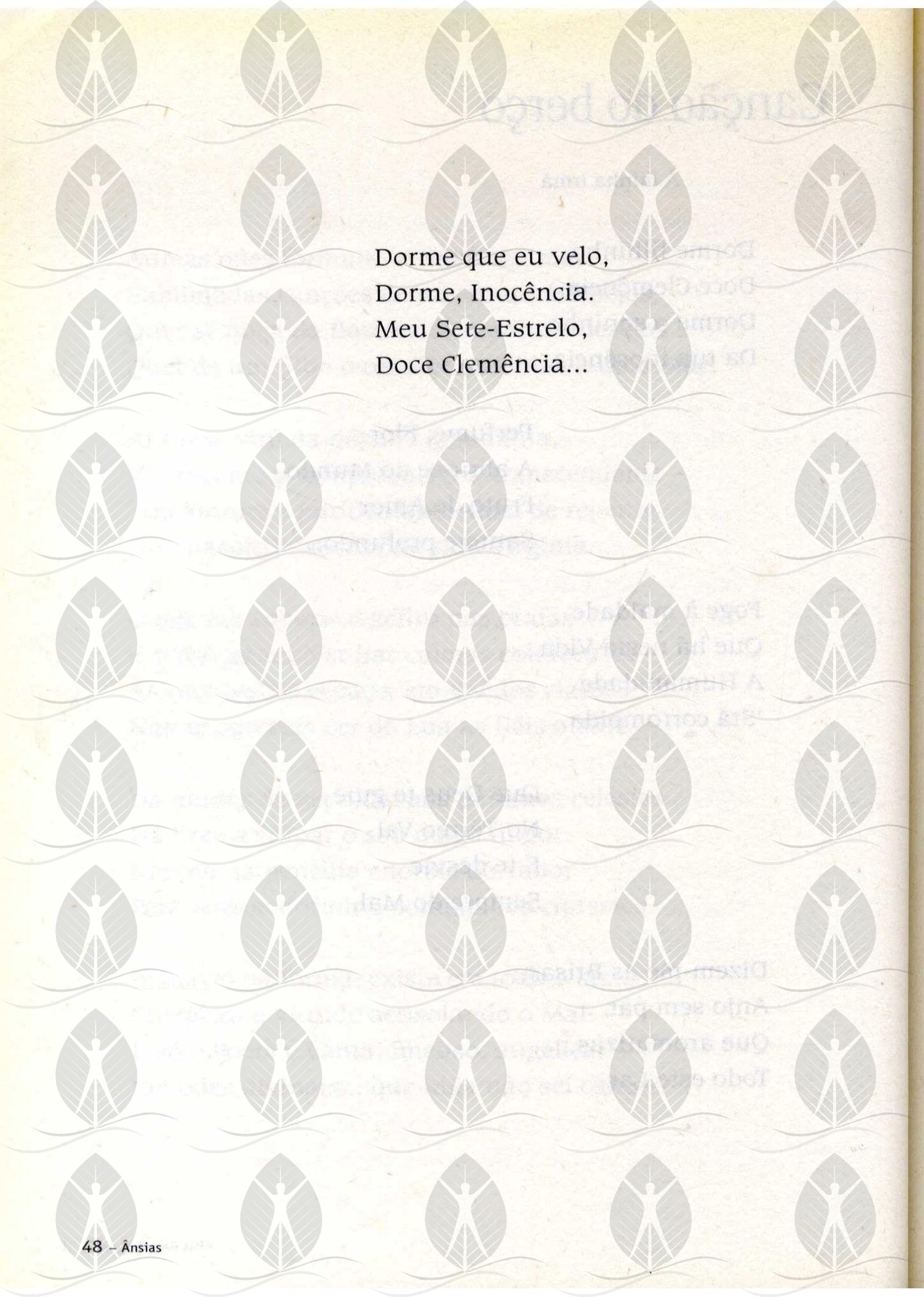
Dorme filhinho,  
Doce Clemência,  
Dorme o soninho  
Da tua inocência.

Perfume, Flor  
A abrir-se ao Mundo,  
Fruto de Amor  
Santo e profundo:

Foge à maldade  
Que há nesta Vida...  
A Humanidade  
'Stá corrompida.

Que Deus te guie  
No Téreo Val  
E te desvie  
Sempre do Mal.

Dizem-me as Brisas,  
Anjo sem par,  
Que aromatizas  
Todo este Lar.



Dorme que eu velo,  
Dorme, Inocência.  
Meu Sete-Estrela,  
Doce Clemência...

# O bardo

Ao Frederico Cunha

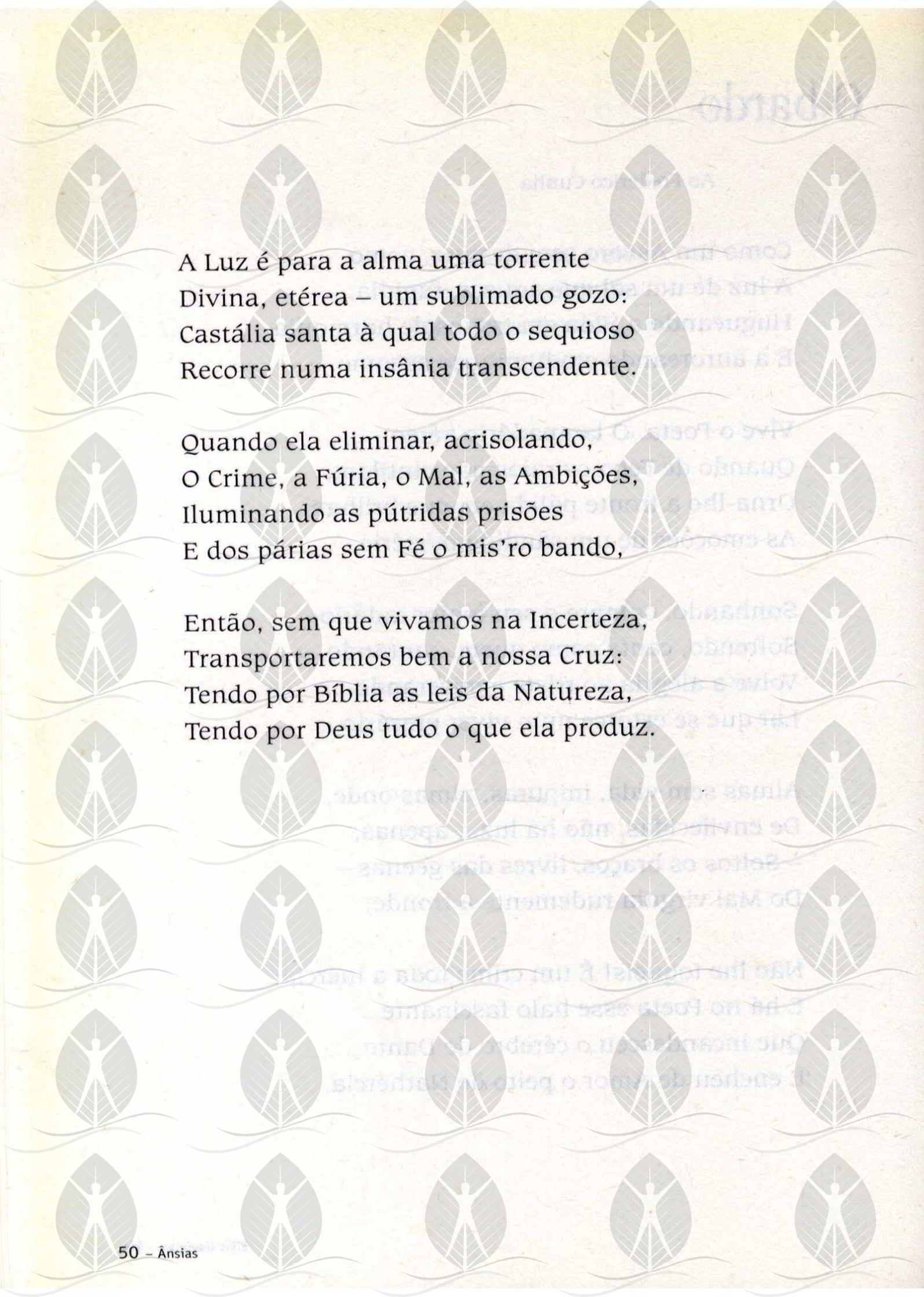
Como um Asvero sem destino, como  
A luz de um sol que aquece, fugidia,  
Hugueando a Vida em trenos de harmonia  
E a auroreando em luminoso assomo,

Vive o Poeta. O lampadário aéreo,  
Quando de Febo os raios não cintilam,  
Orna-lhe a fronte pálida em que brilham  
As emoções de um cândido mistério.

Sonhando, cumpre o seu maior fadário;  
Sofrendo, canta como quem, cantando,  
Volve a alegria ao triste e miserando  
Lar que se estorce num viver precário...

Almas sem vida, impuras, almas onde,  
De envilecidas, não há luz... apenas,  
– Soltos os braços, livres das geenas –  
Do Mal virgula rudemente a fronde,

Não lhe toqueis! É um crime toda a inércia;  
E há no Poeta esse halo fascinante  
Que incandesceu o cérebro de Dante  
E encheu de Amor o peito de Nathércia.



A Luz é para a alma uma torrente  
Divina, etérea – um sublimado gozo:  
Castália santa à qual todo o sequioso  
Recorre numa insânia transcendente.

Quando ela eliminar, acrisolando,  
O Crime, a Fúria, o Mal, as Ambições,  
Iluminando as pútridas prisões  
E dos párias sem Fé o mis'ro bando,

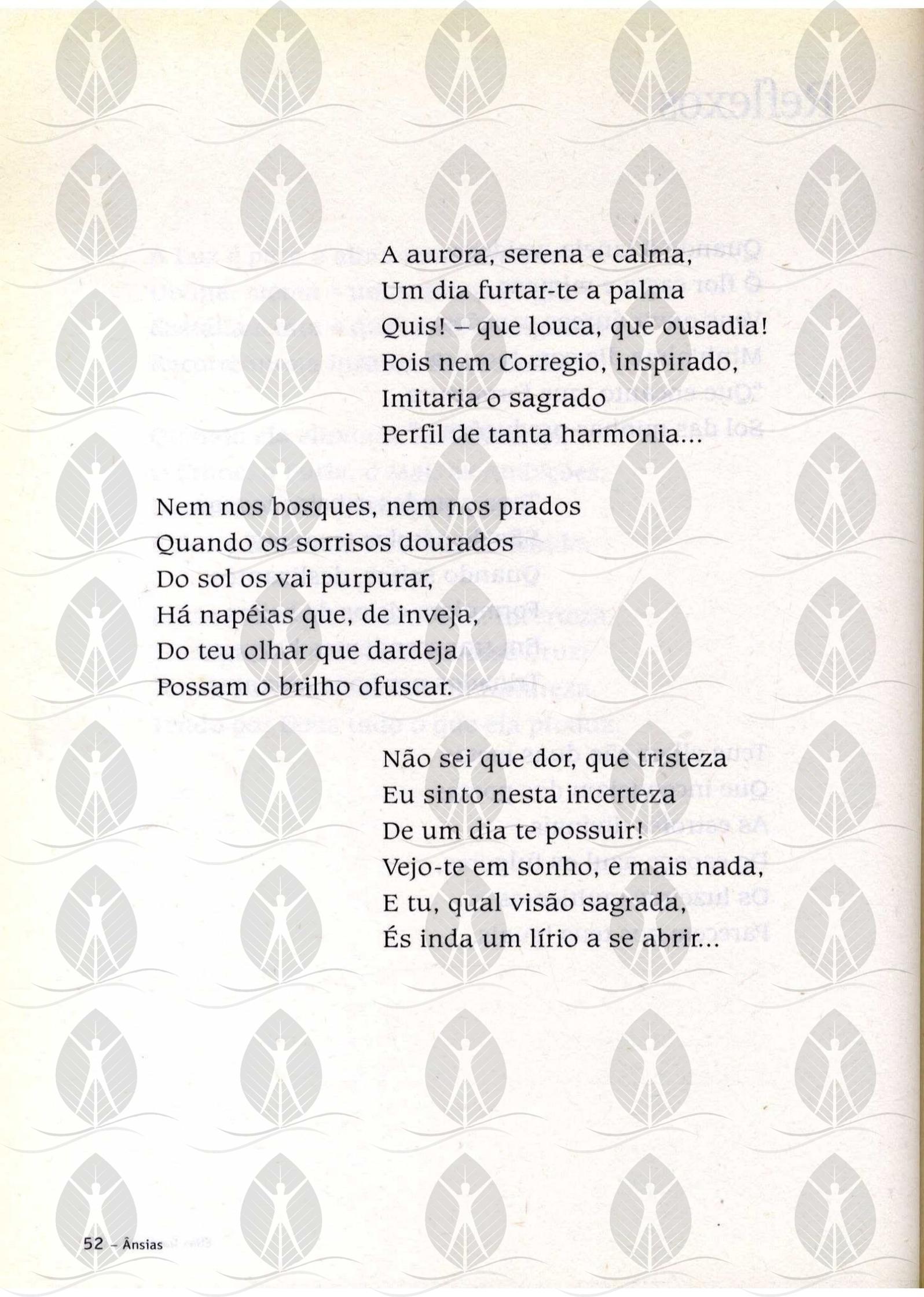
Então, sem que vivamos na Incerteza,  
Transportaremos bem a nossa Cruz:  
Tendo por Bíblia as leis da Natureza,  
Tendo por Deus tudo o que ela produz.

# Reflexos

Quando à janela, vaidosa,  
Ó flor casta e mimosa,  
Vens ouvir áureas canções,  
Minh'alma diz com ternura:  
“Que encanto, que formosura,  
Sol das minhas produções...”

Tens grandes cabelos louros  
São de pérolas tesouros  
Quando soltos, deslizantes...  
Formulam cicios de beijos  
Em transcendentales harpejos  
Trinados por bons amantes.

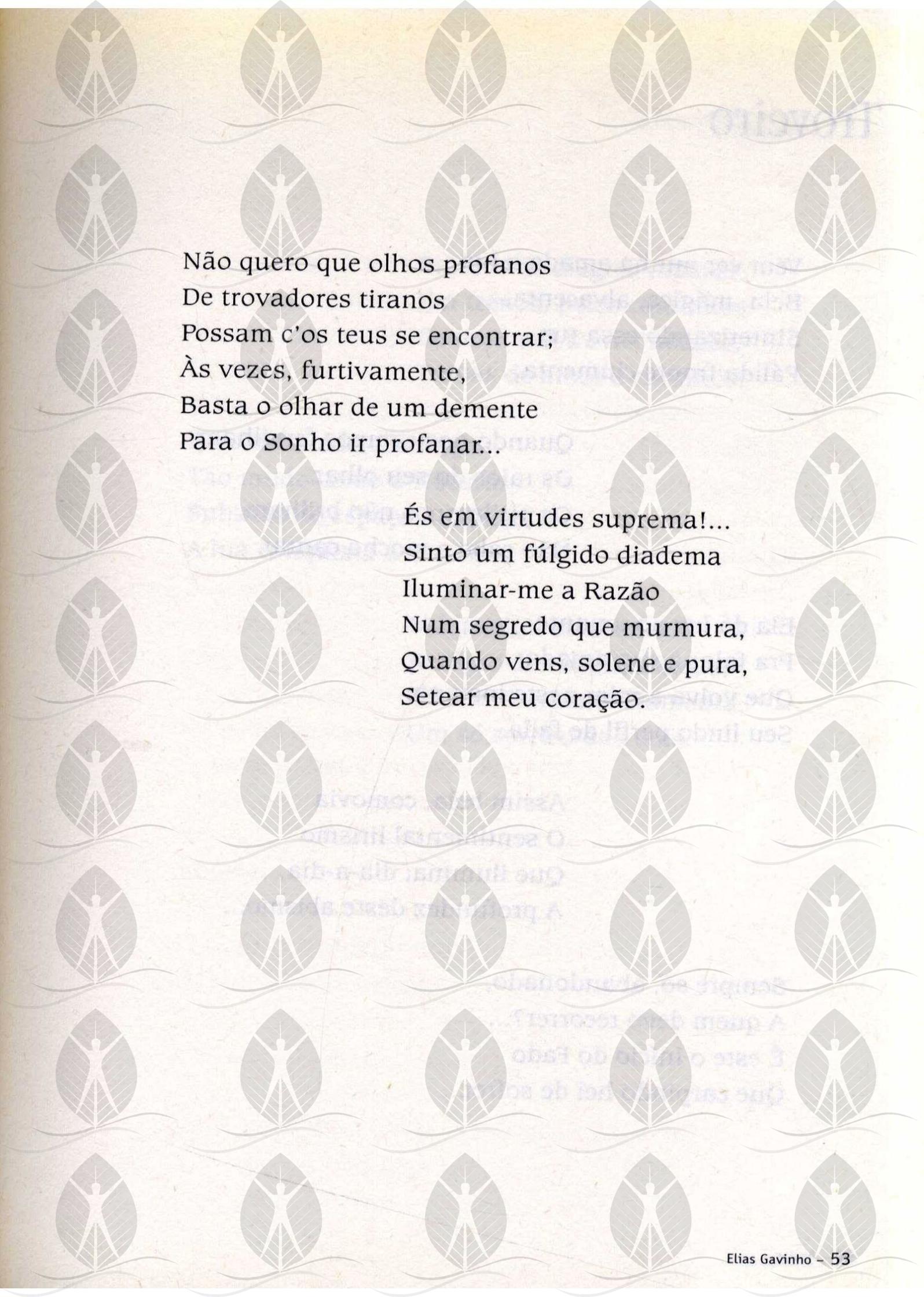
Teus olhos são duas metas  
Que incendeiam dos poetas  
As estrofes divinais:  
Do espaço azul os fulgores,  
Os luzeiros multicores  
Parecem aos teus iguais.



A aurora, serena e calma,  
Um dia furtar-te a palma  
Quis! – que louca, que ousadia!  
Pois nem Corregio, inspirado,  
Imitaria o sagrado  
Perfil de tanta harmonia...

Nem nos bosques, nem nos prados  
Quando os sorrisos dourados  
Do sol os vai purpurar,  
Há napéias que, de inveja,  
Do teu olhar que dardeja  
Possam o brilho ofuscar.

Não sei que dor, que tristeza  
Eu sinto nesta incerteza  
De um dia te possuir!  
Vejo-te em sonho, e mais nada,  
E tu, qual visão sagrada,  
És inda um lírio a se abrir...



Não quero que olhos profanos  
De trovadores tiranos  
Possam c'os teus se encontrar;  
Às vezes, furtivamente,  
Basta o olhar de um demente  
Para o Sonho ir profanar...

És em virtudes suprema!...  
Sinto um fúlgido diadema  
Iluminar-me a Razão  
Num segredo que murmura,  
Quando vens, solene e pura,  
Setear meu coração.

# Troveiro

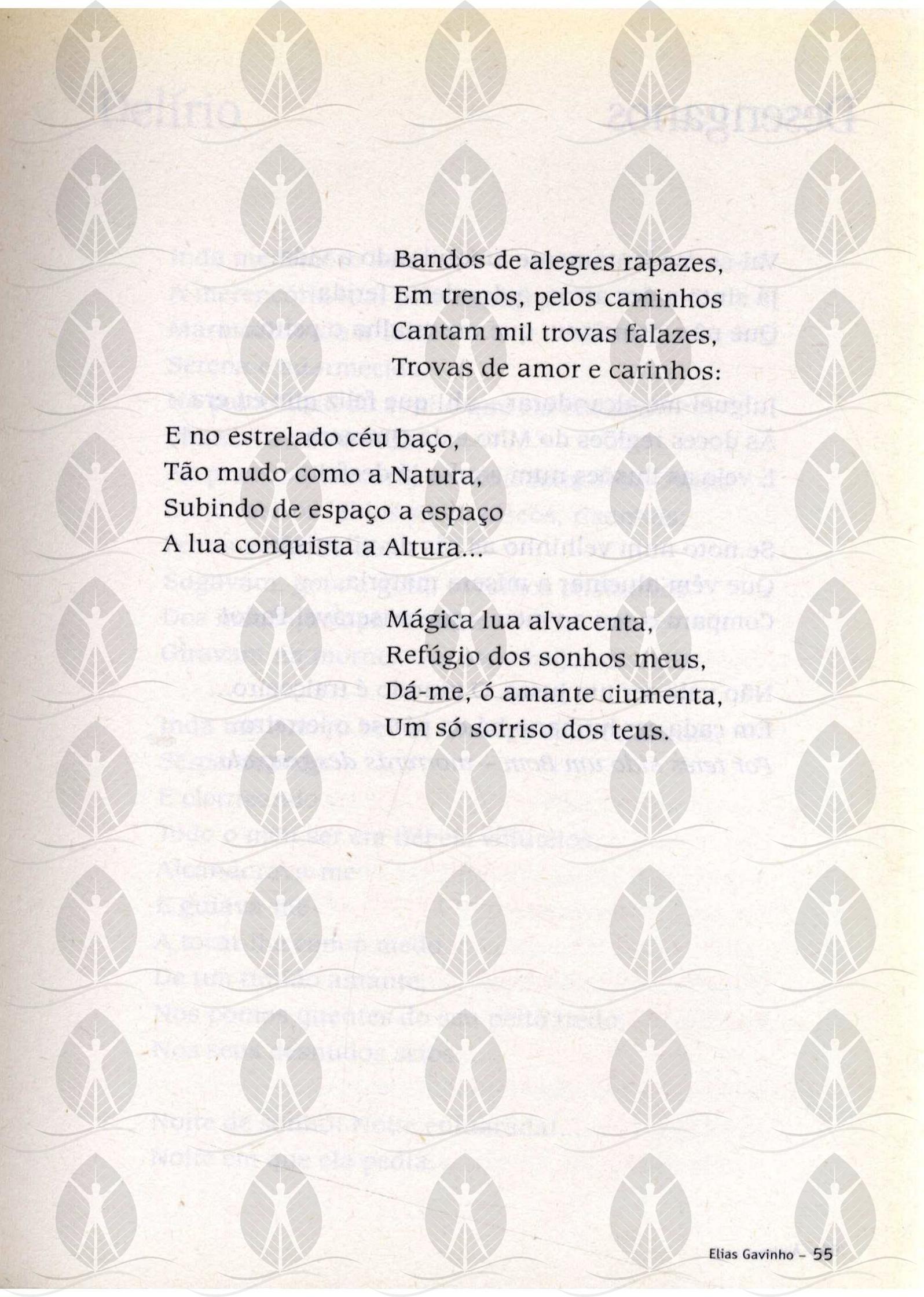
Vem ver minha amada a lua  
Bela, mágica, alvacenta,  
Sintetizando essa tua  
Pálida fronte ciumenta.

Quando nos campos fervilham  
Os raios do seu olhar,  
Os pirilampos não brilham,  
Não sabe o mocho cantar.

Ela dá luz ao amante  
Pra falar à sua amada:  
Que volte a mim neste instante  
Seu lindo perfil de fada.

Assim bela, comovia  
O sentimental lirismo  
Que ilumina, dia-a-dia,  
A profundez deste abismo...

Sempre só, abandonado,  
A quem devo recorrer?...  
É este o início do Fado  
Que carpindo hei de sofrer...



Bandos de alegres rapazes,  
Em trenos, pelos caminhos  
Cantam mil trovas falazes,  
Trovas de amor e carinhos:

E no estrelado céu baço,  
Tão mudo como a Natura,  
Subindo de espaço a espaço  
A lua conquista a Altura...

Mágica lua alvacenta,  
Refúgio dos sonhos meus,  
Dá-me, ó amante ciumenta,  
Um só sorriso dos teus.

# Desenganos

Vai-se-me lentamente aniquilando a vida:  
Já sinto a dor atroz, a dor desta ferida  
Que não cicatrizou, que me retalha o peito...

Julguei-me alcandorar – ah! que feliz que eu era –  
Às doces regiões do Mito e da Quimera  
E vejo as ilusões num sonho já desfeito...

Se noto num velhinho as cãs da vil miséria  
Que vêm alucinar a mísera matéria,  
Comparo o seu ao meu – que miserável Fado!

Não vale ser um Justo. O mundo é traiçoeiro...  
Em cada ser humano há de pôr-se o letreiro:  
*Por teres sido um Bom – morrerás desgraçado...*

# Delírio

Inda me lembro bem:  
A merencória lua, pelo Espaço,  
Marmorizando a Terra  
Serena e adormecida,  
No palor ideal do sonho que ela encerra  
Chamava-nos à vida,  
Ao prazer, à loucura, ao mais feliz dos sonhos,  
Enquanto os lábios seus, róseos, risonhos,  
Febris e alucinados  
Sugavam, gota a gota, orvalhos cristalinos  
Dos meus que apavorados  
Giravam na mornez dos seus beijos divinos.

Inda me lembro bem... O corpo seu, ondeante,  
Serpenteando  
E eletrizando  
Todo o meu ser em flébeis voluteios,  
Alcandorava-me  
E guiava-me  
A tocar-lhe com o medo  
De um tímido amante,  
Nos pomos quentes do seu peito tredo,  
Nos seus desnudos seios...

Noite de sonho! Noite enluarada!...  
Noite em que ela pedia,

Ébria de gozo e ébria de desejos  
Entre o calor em que estuante ardia,  
Milhões de beijos  
Cantantes,  
Delirantes,  
Na sua face fresca e aveludada  
De onde uns olhos brilhantes,  
Em ritmos divinos  
Arremessavam  
E incendiavam  
Os mais distantes  
Acordes tristes de amorosos hinos...

Fomos tiranos  
Irresistíveis, amorosos, cegos!  
Eram os desenganos  
Dos nossos sonhos ledos...

A mocidade palpitava, ardente,  
Em nossos corações,  
Como a fúria insensata de um demente  
Que entre as chamas de um fogo transcendente  
Se estorce em convulsões...

Sinto remorsos em contá-lo, sinto  
Saudades cruciantes dessa Estrela;  
O culpado fui eu, eu só, não minto,

Em perdê-la...

Anjo ideal da minha Nostalgia,  
Imagem santa com que então sonhara,  
Palpitação,  
Melancolia,  
Doce Visão  
Que lentamente ao céu me alcandorara...

\* \* \*

Ó criação divina, ó astro imenso,  
Escultural, perfeito, indecifrável;  
Ânsia de Artista  
Que segue a pista  
Da Forma altissonante e incomparável!  
Perfume, Incenso,  
Gozo, Loucura  
Perene a sorrir no Olimpo do Prazer!  
Estética perfeita,  
Idealizante, pura,  
Alma vibrando quente e insatisfeita  
No bátrio terreno que aprofundo...  
A mais sublime criação do Mundo  
É a Mulher.

# Mãe

*Ao pé de nossas mães – todos nós somos crentes...*

*Um filho que tem mãe – tem todos os parentes...*

Hermes Fontes

Epopéia do Ser...

Ó minha Mãe amada!

Perfume a orvalhar esta existência alada

De afetos divinais, de risos, de venturas:

Divinizando a Terra és maior do que o Espaço,

Porque o teu seio é Deus, porque no teu regaço

Nunca podem medrar as grandes desventuras.

Guia-me sempre assim...

Quantas vezes na vida

A tua imagem vem, solene, enternecida

Minorar-me o sofrer, amparar-me na Morte...

A Vida é sempre o Mal; é o fenecer de um lírio,

– Angústia palpitante, um ai, longo martírio

Disperso pela gleba aos vendavais da sorte.

A Vida não é mais que um sopro de miséria

Cheio de sonhos maus –, essência deletéria

A transformar em lodo as almas bem formadas:

Ódios, Fel, Ambições, os mais nefandos crimes

Enegrecendo sempre as coisas mais sublimes,

Desde que o Sol se esconde até às alvoradas.

É o Mal a alçapremar em tormentosa luta,  
Como um corvo esfaimado a presa que disputa,  
A Candidez e o Bem, pras regiões sombrias;  
Apagando à criança a luz que vem nascendo  
E fazendo do adulto o grande ser horrendo,  
Esquálido e feroz, de faces doentias...

Muito deve custar amamentar um filho,  
Cobri-lo de carícias,  
Criá-lo com carinho,  
Pra que venham depois as idéias fictícias  
Em grosso burburinho,  
Roubar-lhe todo o brilho  
E desviá-lo da senda enobrecida e calma  
Tão pura, tão divina,  
Inesgotável fonte etérea e cristalina  
Que uma Mãe tracejou pro filho da sua alma.

A Dor humana é enorme...  
A Dor materna é imensa...  
Ser Mãe é reunir o que há de mais sagrado  
E o que de mais sublime a Fé nos há mostrado  
Nos espaços da Crença...

É sofrer, porque sofre o filho seu querido,  
É chorar, chorar sempre o ente estremecido  
Que no Ignorado dorme...

Eu quisera viver no Lar onde brincava  
Feliz, desde que o Sol ao longe despontava,  
Ao pé de minha Mãe...

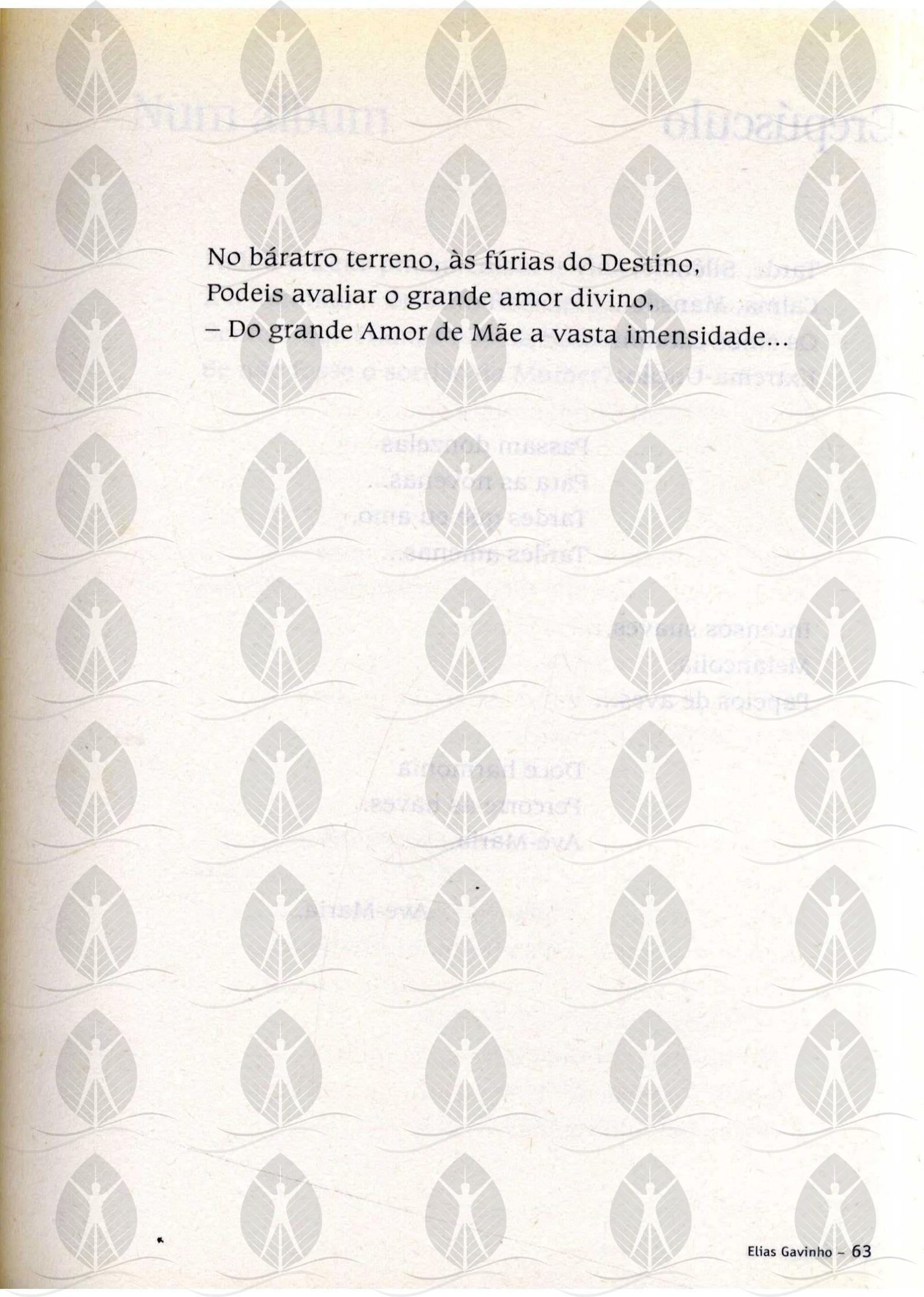
Mas... ao alvorecer dos verdejantes anos  
Troquei pela alegria o fel dos desenganos  
Que a distância contém...

Troquei pela Tristeza um sagrado Tesouro  
Cheio de Deus e Amor...

Da Terra, todo o ouro  
Não pode corromper o doce Amor-Materno...

Amigos! vinde ver como este peito sente,  
Como um coração pulsa harmoniosamente  
Tranquilo, sem cessar, num pendular eterno...

Abandonai o Lar onde viveis risonhos,  
Onde há estrelas-d'alva a colorir de sonhos  
O róseo palpitar da louca mocidade:



No bátrio terreno, às fúrias do Destino,  
Podeis avaliar o grande amor divino,  
– Do grande Amor de Mãe a vasta imensidade...

# Crepúsculo

Tarde, Silêncio,  
Calma, Mansão...  
Os sinos choram:  
Extrema-Unção...

Passam donzelas  
Para as novenas...  
Tardes que eu amo,  
Tardes amenas...

Incensos suaves,  
Melancolia,  
Papeios de aves...

Doce harmonia  
Percorre as naves.  
Ave-Maria...

Ave-Maria...

# Num álbum

Fadou-a Deus pra amenizar a Vida  
E a iluminar – Bendito Rosicler!...  
Senhor, que éramos nós na humana lida  
Se não fosse o sorriso da Mulher?!...

\* \*

*Nome que não se diz, nome que não se escreve.*

Antero de Quental.

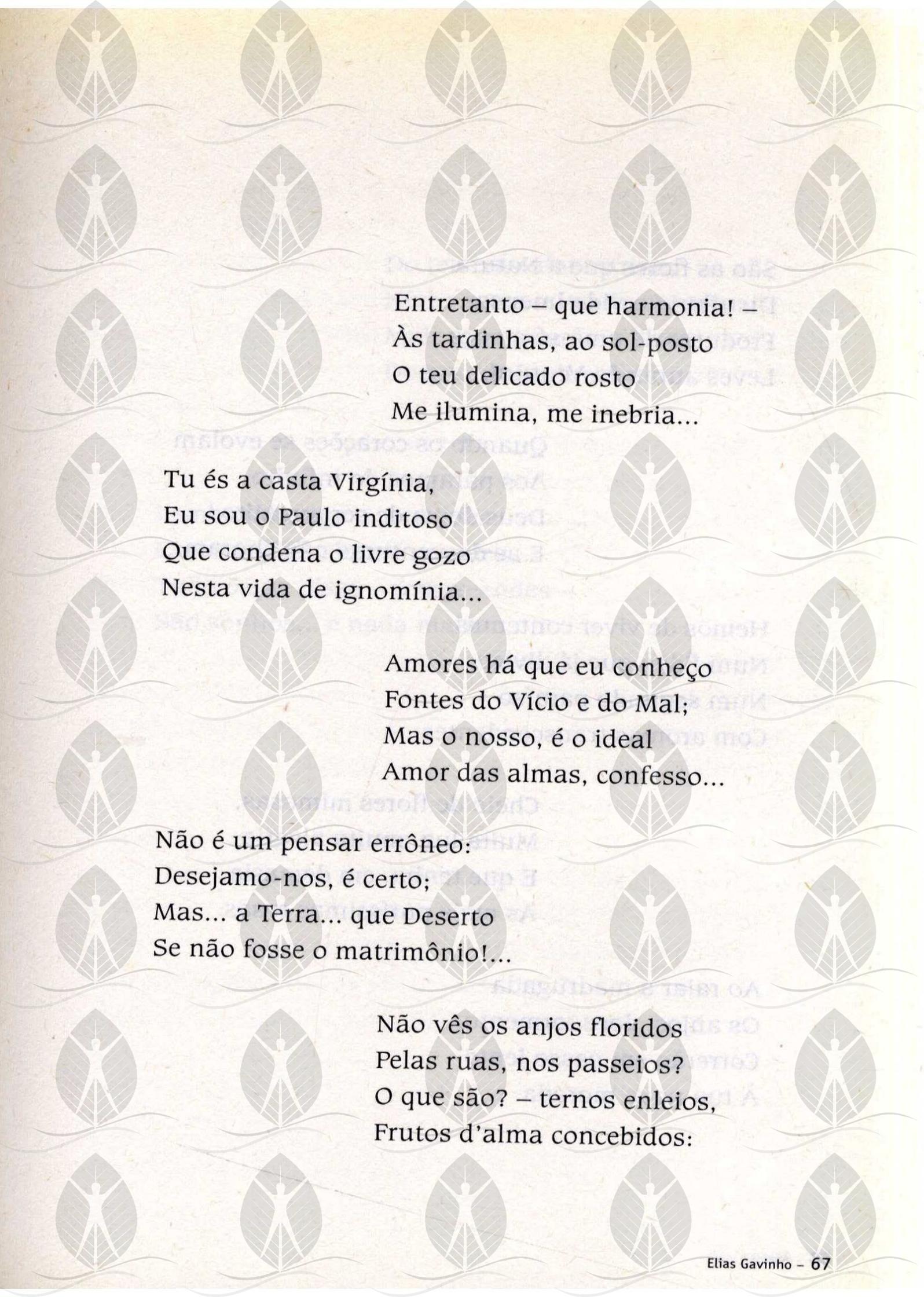
Que me importa que te cases,  
Que estejas noiva, que importa?  
O meu coração comporta  
Todo o desdém em que trazes

Sepultado um amor santo  
A minh'alma, este delírio:  
– Misto de paz e martírio  
Que me leva ao Campo-Santo.

A pensar no meu futuro  
Vivo triste, torturado:  
O teu próximo noivado...  
Este meu amor tão puro...

O teu perfil feminino,  
O teu porte dominante...  
Esses olhos... delirante  
Pego infernal e divino.

Quanto mais quero esquecer-te  
Tanto mais a ti me prendo;  
Oh! que suplício tremendo,  
Quem me dera não mais ver-te!



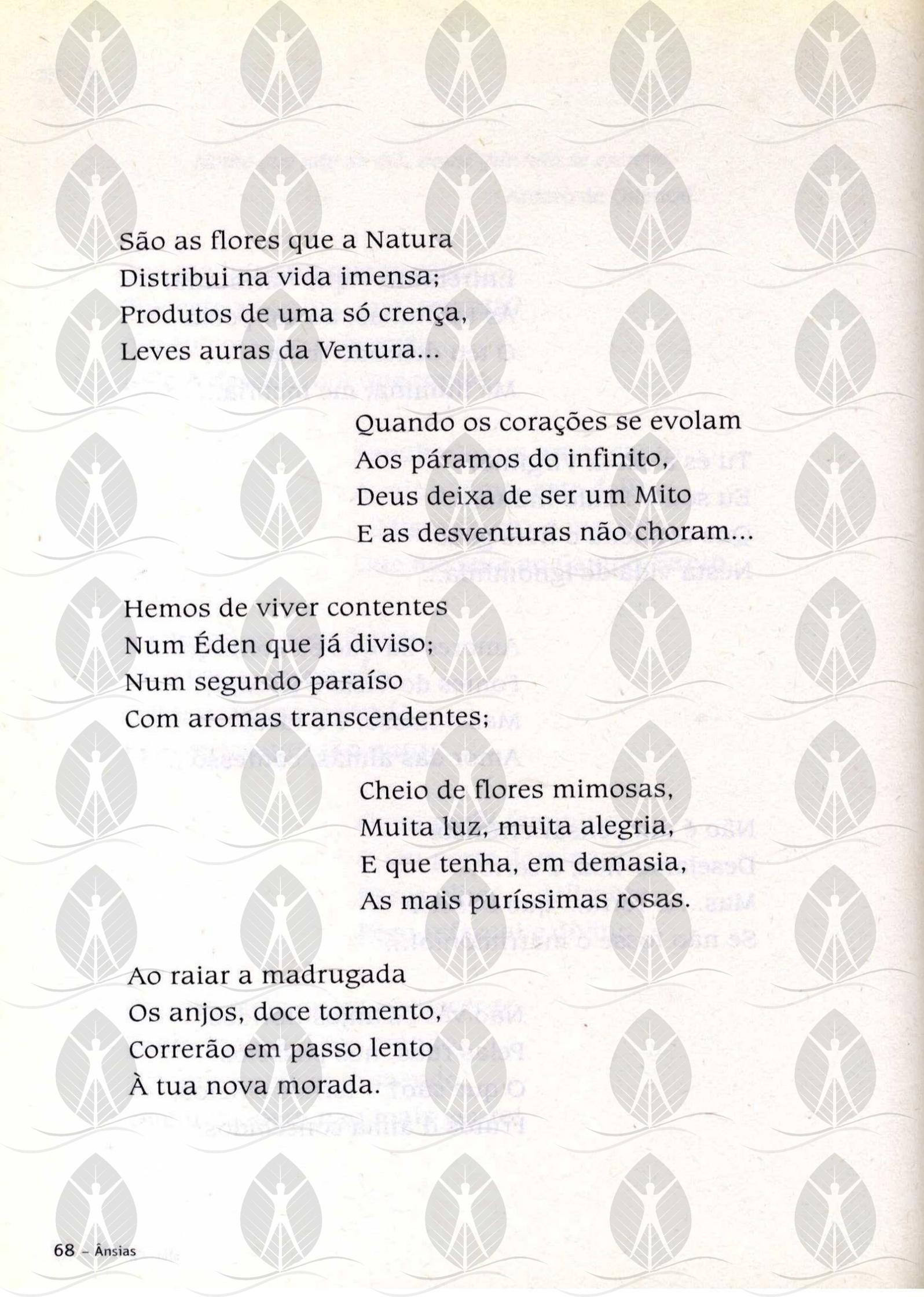
Entretanto – que harmonia! –  
Às tardinhas, ao sol-posto  
O teu delicado rosto  
Me ilumina, me inebria...

Tu és a casta Virgínia,  
Eu sou o Paulo inditoso  
Que condena o livre gozo  
Nesta vida de ignomínia...

Amores há que eu conheço  
Fontes do Vício e do Mal;  
Mas o nosso, é o ideal  
Amor das almas, confesso...

Não é um pensar errôneo:  
Desejamo-nos, é certo;  
Mas... a Terra... que Deserto  
Se não fosse o matrimônio!...

Não vês os anjos floridos  
Pelas ruas, nos passeios?  
O que são? – ternos enleios,  
Frutos d'alma concebidos:



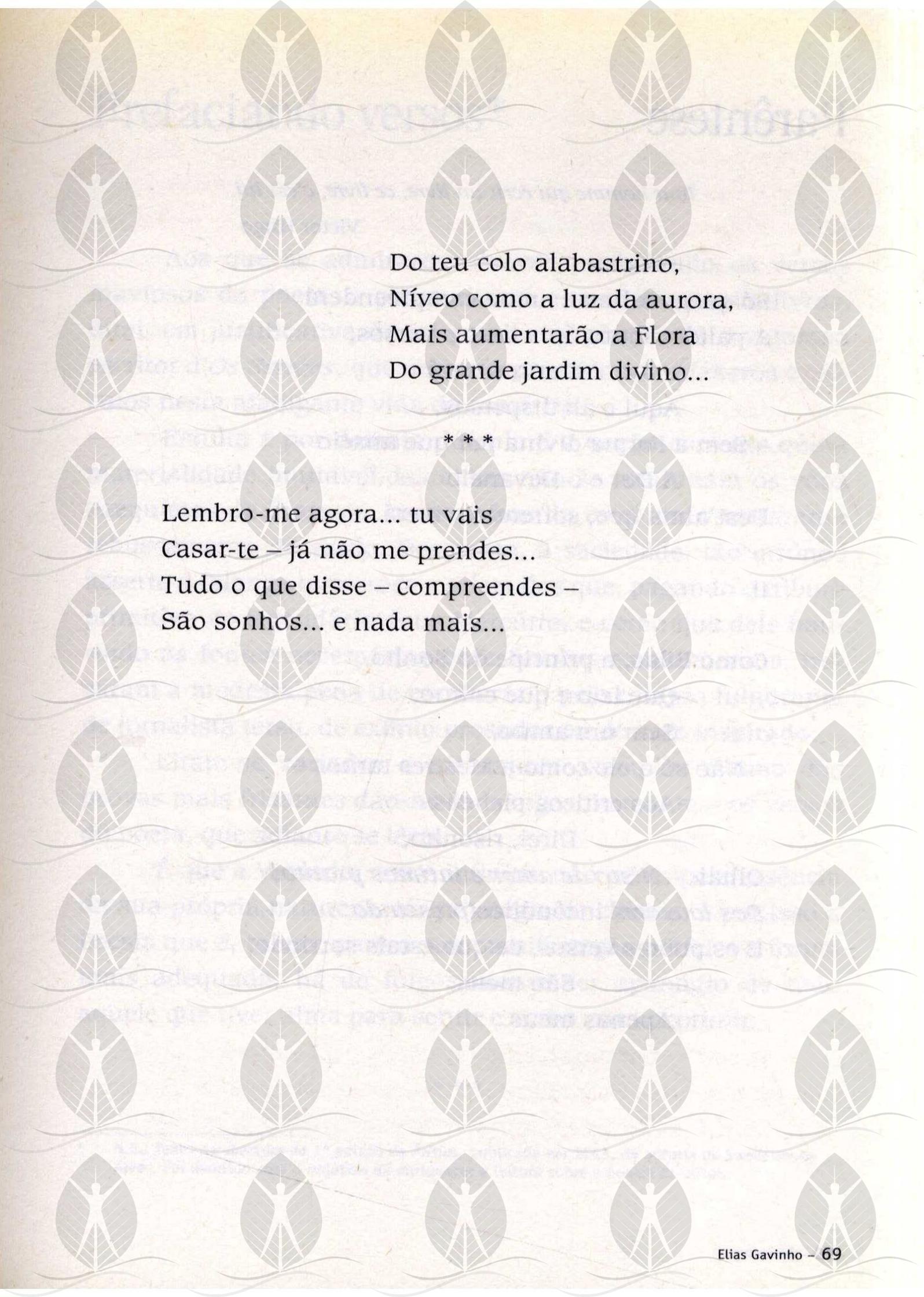
São as flores que a Natura  
Distribui na vida imensa;  
Produtos de uma só crença,  
Leves auras da Ventura...

Quando os corações se evolvam  
Aos páramos do infinito,  
Deus deixa de ser um Mito  
E as desventuras não choram...

Hemos de viver contentes  
Num Éden que já diviso;  
Num segundo paraíso  
Com aromas transcendententes;

Cheio de flores mimosas,  
Muita luz, muita alegria,  
E que tenha, em demasia,  
As mais puríssimas rosas.

Ao raiar a madrugada  
Os anjos, doce tormento,  
Correrão em passo lento  
À tua nova morada.



Do teu colo alabastrino,  
Níveo como a luz da aurora,  
Mais aumentarão a Flora  
Do grande jardim divino...

\* \* \*

Lembro-me agora... tu vais  
Casar-te – já não me prendes...  
Tudo o que disse – compreendes –  
São sonhos... e nada mais...

# Parêntese

*Tout homme qui écrit un livre, ce livre, c'est lui.*

Victor Hugo

Só quem sofreu e amou compreenderá  
A palidez marmórea destes versos,  
E encontrará  
Aqui e ali dispersos,  
– Sem a Forma divina por que anseio –  
A Dor e o Devaneio  
Dest'alma que, sofrendo, viverá.

## II

Como Bilac, o príncipe do Sonho,  
Que leio e que cultuo,  
Sem um amuo,  
– Não só a ele como a Mestres tantos –  
Aos críticos-plebeus  
Direi, risonho,  
Olhai: – *Nisto de amor e íntimos prantos*  
*Dos louvores incônditos prescindo...*  
E os pobres versos, de que estais sorrindo,  
São meus,  
Apenas meus.

## Prefaciando versos\*

Aos que se admirarem de ver, prefaciando os versos maviosos do poeta, a prosa charra e seca do guarda-livros, direi, em justificativa de tal paradoxo, plagiando o vigoroso escritor d'*Os Sertões*, que nem sempre tudo são números e cálculos nesta afadigante vida de comércio.

Estulta e por demais ridícula é a noção corrente que à materialidade imutável das cifras não se coadunam os vãos inquietos da fantasia, os arroubos do estro ou o torturante rebuscamento do estilo. Desmente, à saciedade, tão errôneo asserto a falange numerosa e seleta dos que, pagando o tributo primitivo ao legendário deus Mercúrio, e como que dele haurindo as fontes necessárias para futuros cometimentos, trocaram a modesta pena de escriturário pelo cálamo fulgurante de jornalista terso, de exímio prosador ou de vate inspirado.

Citam-se variados e edificantes exemplos e uma das provas mais frisantes dão-no-la – sugestivamente – os versos do poeta, que adiante se lêem.

É que a Verdade, una e infinita, não pode, pela essência da sua própria natureza, ter privilégio de classes, e por isso a Poesia que é, talvez, para a sua manifestação perfeita a forma mais adequada, há de forçosamente ser apanágio de todo aquele que tiver alma para sentir e verbo para exprimir.

\* \* \*

\* N.E.: Texto de abertura da 1ª edição de *Ânsias*, publicada em 1913, de autoria de Swedenborg Alves. Foi mantido com o objetivo de enriquecer a leitura sobre a poesia do autor.

Velha como a palavra de que constitui a expressão mais sublime e elevada, a Poesia nasceu desde que surgiu sobre a terra o primeiro homem e que este, olhando ao alto e em redor, ou perscrutando os mistérios do seu *eu*, ainda em embrião, constatou – extático – os esplendores que o cercavam e sentiu, bem do íntimo, subir – com uma forte admiração incompreendida – uma ânsia de vagas aspirações indefinidas e um desejo irreprimível de expansão, de comunicabilidade.

Evolui mais tarde quando, junto à Mulher – na obsidiante atração de uma esfinge – ele procura dar satisfação às quentes solicitações da carne e aos dúcidos anelos da sua alma de insatisfeito, a alar-se cada vez mais para os mundos encantados do Sonho.

E acrisola-se finalmente depois que, irmanados pela comunhão dos mesmos desejos e das mesmas vicissitudes, choram a desapareição de entes queridos ou, numa visão retrospectiva, comparam – em frêmitos de angústias – as delícias do passado com as amarguras do presente e incertezas do futuro e sentem pungi-los, dorida e deliciosamente, uma infindável Saudade.

Foi assim, sonhando, amando e chorando que, desde séculos, insensivelmente quase, veio o homem – poeta por natureza afirmando a generalidade da Poesia, sem preocupação de forma, sem tortura de rima ou especialização de metro.

Abstraindo da citação, tantas vezes recalçada, da poesia popular dos antigos gregos e romanos, registrem-se, perfunctoriamente, em abono dessa afirmativa, a deliciosa emotividade e o fundo sentimentalismo do singelo cantar do povo, de que são espécimens admiráveis as trovas langorosas dos

nossos sertanejos e a dolência embriagadora do fado dos nossos irmãos de além-mar.

Compare-se, na sua rusticidade flagrante, esta poesia-alma em que pode, às vezes, faltar o metro, mas onde há sempre, a fartar, sentimentos, com a poesia-artifício da maioria dos poetas modernos, nos quais a pobreza de sentimento é, em geral, desvantajosamente, suprida pela avalanche azucrecinadora de rimas esdrúxulas.

Coteje-se ainda a despreocupação da primeira, sem dogmatismo de escolas, mas que, no fundo, contém desde o Panteísmo primitivo ao Saudosismo dos nossos dias, com a atassalhadora tortura de originalidade rebuscada dos últimos e diga-se, em consciência, se, por tal preço, valia a pena o desprezo da emoção pela perfeição da forma.

Por mim – ao poeta-artista hodierno, mágico burilador de rimas difíceis em forma impecável, ante cujos versos nos curvamos extasiados, admirando o labor da obra, louvando a perfeição do estro, invejando a paciência do metro, como ante a Vênus de Milo, de Praxiteles, paramos, suspensos, reverenciando o gênio grandioso do escultor, sem, contudo, aflorar-nos à alma o menor frêmito emocional –, prefiro os versos simples do poeta de coração que, acima de tudo, sabe sentir e dizer tão naturalmente como eles lhe saem da alma e tão maviosa e despreocupadamente como, de uma ramada florida, o rouxinol – irrealizável poeta dos bosques – solta, sem atenções a auditório, as suas sentidas endechas.

\* \* \*

Não se busque, na ânsia moderna de tudo sistematizar, filiar o poeta que, através de uma arte toda de emoções, nos

delicia o espírito com o exteriorizar do seu sentir em versos sonoros, nesta ou naquela Escola.

Seria insciência e contraproducente tarefa. Porque, em Elias Gavinho, sem haver, especificadamente, indícios de filiação numa ou noutra Escola, existe, em gérmen, propensão para todas elas, desde as estafadas pieguices do Romantismo às nebulosidades do Simbolismo Decadente.

Certo, nas estrofes que, espontaneamente, em vagares dos seus árduos afazeres quotidianos, brotaram-lhe da pena privilegiada, não se encontram as retumbâncias gloriosas dos estros alcandorados nem a forma filigrinada dos torturados cinzeladores do verso.

Pode mesmo, aqui e ali, aparecer uma ou outra produção menos perfeita e a sua Musa, sem ascender às regiões superiores da poesia rastejar pelo domínio dos lugares-comuns; mas em todos os seus versos, embora nem sempre tenham a impecabilidade da forma de um esteta aprimorado, há um fundo de sentimento suave, feito de doçuras e coisas boas – misto de uma saudade embaladora e nostalgia translúcida, que nos comove, que nos emociona, e caracteriza inconfundivelmente o poeta.

Canta – sem adstringir-se às estreitezas de uma Escola; objetiva, em traços de uma emotividade sutil e fina, os sentimentos que lhe vão na alma – mais como satisfação pessoal do que por motivo de Arte; e assim se eleva, numa inspiração grandiosa, a sondar o enigma indecifrável do Ser Absoluto para logo embevecer-se com a germinação de uma flor ou com o sorriso que emoldura um rosto de mulher.

Intérprete máximo da Vida e o único capaz de, no círculo estreito de dez ou doze sílabas – o que muitas vezes não se consegue na largueza desafogada de um período – dar-nos a

síntese expressiva e perfeita de uma emoção ou de uma paisagem, o poeta, para ser digno desse nome, tem de observar todos os contrastes que o cercam e nunca cingir-se apenas a cantar os encantos problemáticos da sua Dulcinéa ou a lamuriar intermináveis e imaginárias dores.

Elias Gavinho tem a nítida compreensão da verdadeira Poesia: a sua Musa, com a mesma espontaneidade com que, em noite enluarada, modula as quadras do “Troveiro” e “Reflexos”, incomparáveis de lirismo; ou, panteística, queda-se embevecida na contemplação da Natureza, como em “Diálogo” e mais expressivamente “No Campo”; também canta o Amor – “que cristaliza a Virtude acrisolando o Mal”; aprofunda os mistérios do Ser ou Não-Ser, chora a miséria dos deserdados e dos tristes, apodando os Maus, enaltecendo o Bem, para sublimar-se nas estrofes desse puro escrínio que é MÃE– “Epopéia do Ser... cujo seio é Deus...” e, por fim, dando a nota predominante de todo o livro e a feição pessoal do autor, atingir o máximo do grandioso nos alexandrinos hugueanos das “Torturas”.

Torturas de artista incompreendido e insaciável, que sente talvez, no íntimo, um turbilhão de assombros, de mundos esplendorosos, impossível de exteriorizar na mesquinha linguagem humana, tenha ela embora a forma de versos primorosos; torturas de sonhador que idealiza para o Bem um reinado mundial e imorredouro; torturas do inatingível; utopias grandiosas; constantes e incomensuráveis ânsias.

Sob este ponto, não podia o poeta dar à sua obra título mais flagrante de naturalidade e de expressão sugestiva.

\* \* \*

Não têm a pretensão de crítica as linhas desconexas que aí ficam.

Penitenciando-me da ousadia que me arroguei, fica-me o consolo de ter contribuído – mesquinhamente embora – para a divulgação do nome de um poeta, promissor de esplendente futuro, que à afoiteza do seu cantar junta a audácia de, no mercantilismo da nossa vida e em meio tão sáfaro, atirar escandalosamente à publicidade um livro de versos.

Supram, por fim, a pouca elegância da frase e o desconcerto dos conceitos expendidos, a alta sinceridade que os ditou e a admiração amiga que os motiva.

Manaus, julho de 1913.

J. J. Swedenborg Alves.

*colecção*  
**R** *Resgate*

*Pássaro de Cinza*

Farias de Carvalho

*Trilha D'água*

Alcides Werk

*No Circo sem Teto da Amazônia*

Ramayana de Chevalier

*Inferno Verde*

Alberto Rangel

*Coronel de Barranco*

Cláudio de Araújo Lima

*Terra de Ninguém*

Francisco Galvão

*As Horas Lentas*

Raimundo Monteiro

*Nuvens Medrosas*

Torquato Tapajós

*Ânsias*

Elias Gavinho

*Frutos Selvagens*

Xavier de Carvalho

*Os Selvagens*

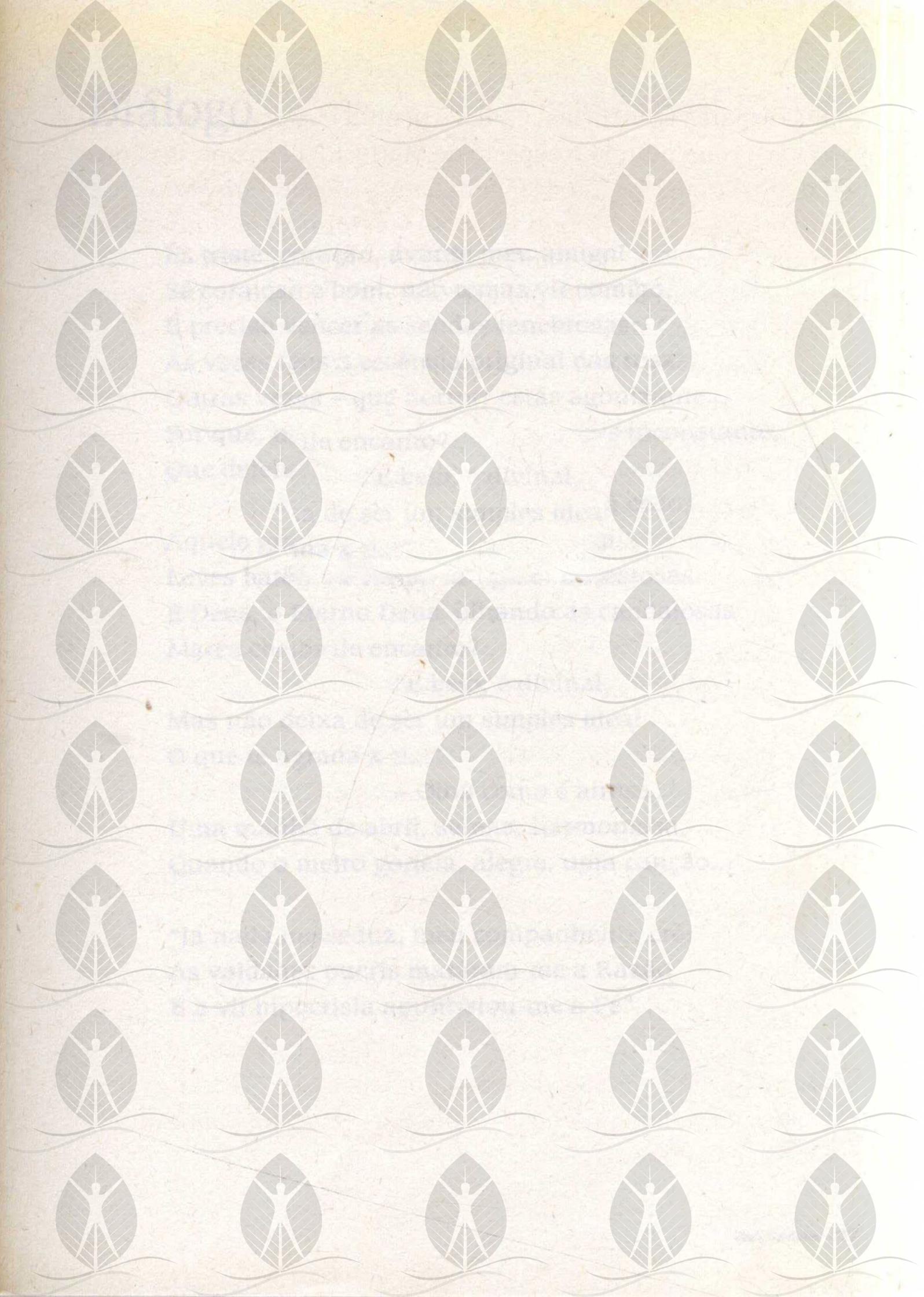
Francisco Gomes de Amorim

*Simá*

Lourenço da Silva Araújo Amazonas



Este livro foi impresso na cidade de Erechim/RS, em outubro de 2001, pela Gráfica Edelbra. A família tipográfica utilizada na composição do texto foi caxton Lt Bt no corpo 11/16. O projeto gráfico – miolo (edição/fotolitos) e capa – foi feito pela Valer Editora. Os fotolitos da capa foram produzidos em Manaus pelo Bureau.com.





**E**lias Gavinho tem a nítida compreensão da verdadeira Poesia: a sua Musa, com a mesma espontaneidade com que, em noite enluarada, modula as quadras do “Troveiro” e “Reflexos”, incomparáveis de lirismo; ou, panteística, queda-se embevecida na contemplação da natureza, como em “Diálogo” e mais expressivamente “No campo”; também canta o Amor – “que cristaliza a Virtude acrisolando o Mal”; aprofunda os mistérios do Ser ou Não-Ser, chora a miséria dos deserdados e dos tristes, apodando os maus, enaltecendo o bem, para sublimar-se nas estrofes desse puro escrínio que é “Mãe” – “Épopéia do Ser... cujo seio é Deus...”

*J. J. Swedenborg Alves*





## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)

Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA